

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Licenciatura em Educação do Campo
Ciências Sociais e Humanidades

Henrique Antônio Soares de Queiroz

**A RELAÇÃO ENTRE A PRÁTICA VAZANTEIRA NO RIO SÃO FRANCISCO
(COMUNIDADE DE NOVA APARECIDA – ICARAÍ DE MINAS – MG) E A
PRESERVAÇÃO DA NATUREZA**

Belo Horizonte, Icarai de Minas - MG

2023

Henrique Antônio Soares de Queiroz

**A RELAÇÃO ENTRE A PRÁTICA VAZANTEIRA NO RIO SÃO FRANCISCO
(COMUNIDADE DE NOVA APARECIDA – ICARAÍ DE MINAS – MG) E A
PRESERVAÇÃO DA NATUREZA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, habilitação em Ciências Sociais e Humanidades, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo.

Orientador: Prof. Dr. Mateus de Moraes Servilha

Belo Horizonte, Icarai de Minas - MG

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, fonte de toda sabedoria e inspiração, por me guiar durante essa jornada acadêmica.

Aos meus amados pais, Silvana e José Luiz, por seu amor incondicional, apoio e dedicação em todos os momentos da minha vida. Vocês são meu porto seguro e minha maior inspiração.

Aos meus irmãos, Bruno, Fernando e Patrique, pelo apoio constante e pelos momentos de alegria compartilhados ao longo dessa caminhada acadêmica.

À minha namorada, por estar ao meu lado, me apoiar pela paciência e compreensão. Sua presença é um incentivo constante para mim.

Aos vazanteiros do rio São Francisco na comunidade Nova Aparecida, por compartilharem seus conhecimentos, experiências e histórias, e por serem parte essencial dessa pesquisa. Sua sabedoria e conexão com a natureza são fontes de inspiração para a realização deste trabalho.

Ao meu orientador Mateus de Moraes Servilha, pela sua orientação, paciência, incentivo, suas sugestões e contribuições que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus amigos que fiz durante o curso, pelas trocas de conhecimento, apoio mútuo e momentos de descontração. Vocês tornaram essa jornada acadêmica mais leve e enriquecedora.

À minha turma da área de Ciências Sociais e Humanidades, por compartilharmos essa jornada de aprendizado e crescimento juntos. Nossas discussões e reflexões foram fundamentais para a ampliação dos nossos horizontes.

À coordenação do curso de Licenciatura em Educação do Campo, pela oportunidade de fazer parte dessa formação e pela dedicação em oferecer um ensino de qualidade.

Aos professores do curso, pelo conhecimento transmitido, pelas aulas inspiradoras e pelo compromisso em formar profissionais capacitados e conscientes do seu papel na sociedade.

Aos monitores do curso, pela disponibilidade em auxiliar nas atividades acadêmicas e pela contribuição para o meu aprendizado.

E a todos que, de alguma forma, contribuíram para o desenvolvimento e realização dessa pesquisa, meu mais sincero agradecimento. Seus apoios, incentivos e contribuições foram fundamentais para o sucesso deste trabalho.

RESUMO

Os vazanteiros são povos que geralmente vivem às margens do rio São Francisco que desempenham um papel fundamental na vida dos vazanteiros, fornecendo bens naturais essenciais e sendo um elemento central em sua cultura e tradições. Assim, este trabalho tem como objetivo compreender as relações dos vazanteiros da comunidade de Nova Aparecida, a partir de suas práticas e saberes, com o rio São Francisco. Para isso, fizemos uma revisão teórica composta por autores como Oliveira, Queiroz, Diegues, Moreira, Arruda e Cunha, que ampliaram o entendimento do trabalho sobre as vivências dos povos e comunidades tradicionais no ambiente em que estão inseridos. O percurso metodológico foi composto também por entrevistas semi estruturadas e uma visita a vazante. Por meio da análise de conteúdo, foram explorados os conhecimentos tradicionais dos vazanteiros relacionados à preservação do ecossistema do rio São Francisco, às práticas sustentáveis adotadas e às percepções das mudanças ambientais ao longo do tempo. A pesquisa nos permitiu ampliar o entendimento sobre a relação entre os vazanteiros e o rio São Francisco, destacando a importância da preservação desse espaço e dos saberes locais na busca por um desenvolvimento sustentável e na valorização das comunidades ribeirinhas.

Palavras-chave: *Vazanteiros; Agricultura familiar; rio São Francisco.*

ABSTRACT

The Vazanteiros are people who generally live on the banks of the São Francisco River and play a fundamental role in the life of the Vazanteiros, providing essential natural assets and being a central element in their culture and traditions. Thus, this work aims to understand the relationships of the vacanteiros from the community of Nova Aparecida, based on their practices and knowledge, with the São Francisco river. For this, we carried out a theoretical review composed of authors such as Oliveira, Queiroz, Diegues, Moreira, Arruda and Cunha, who expanded the understanding of the work on the experiences of peoples and traditional communities in the environment in which they are inserted. The methodological path was also composed of semi-structured interviews and a visit to the ebb tide. Through content analysis, the traditional knowledge of the vacanteiros related to the preservation of the ecosystem of the São Francisco River, the sustainable practices adopted and the perceptions of environmental changes over time were explored. The research allowed us to broaden the understanding of the relationship between the vacanteiros and the São Francisco River, highlighting the importance of preserving this space and local knowledge in the search for sustainable development and the appreciation of riverside communities.

Keywords: Vazanteiros; Family farming; San Francisco River.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGENS

Imagem 1 - Sr. Amadeu.....	15
Imagem 2 - Sr. Carlos Roberto e Sra. Maria Ivaneide.....	16
Imagem 3 - Sr. Paulino.....	18
Imagem 4 - Localização de Icaraí de Minas em Minas Gerais.....	19
Imagem 5 - Cidade de Icaraí de Minas.....	20
Imagem 6 - Antiga Capela Escolar da comunidade de Nova Aparecida.....	22
Imagem 7 - Rio São Francisco e comunidade de Nova Aparecida.	23
Imagem 8 - Solo da vazante.....	32
Imagem 9 - Sr. Amadeu utilizando a Roçadeira.....	33
Imagem 10 - Margem da vazante	35

TABELAS

Tabela 1 - Conhecimentos e práticas de preservação da natureza dos vazanteiros.	46
Tabela 2 - Relação dos vazanteiros com a natureza.	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LECampo	Licenciatura em Educação do Campo
FaE	Faculdade de Educação
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
MEC	Ministério da Educação
CSH	Ciências Sociais e Humanidades
CVN	Ciências da Vida e da Natureza
LAL	Língua, Artes e Literatura
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência
MG	Minas Gerais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PPP	Projeto Político Pedagógico
TE	Tempo Escola
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

MEMORIAL	9
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 01- PERCURSO METODOLÓGICO: explorando a relação entre vazanteiro e o rio São Francisco	15
CAPÍTULO 02- CONTEXTUALIZANDO O LOCAL DA PESQUISA: o município de Icarai De Minas e a comunidade de Nova Aparecida	19
CAPÍTULO 03- A PRÁTICA VAZANTEIRA E A PRESERVAÇÃO DA NATUREZA NO DEBATE ACADÊMICO	23
3.1. Vazanteiros como povos tradicionais.	23
3.2. Povos tradicionais e a preservação da natureza	26
CAPÍTULO 04- PERCEPÇÃO DOS VAZANTEIROS DE NOVA APARECIDA SOBRE A PRESERVAÇÃO DA NATUREZA: um olhar sobre a relação com o rio São Francisco.	31
4.1. Conhecimento e práticas de preservação da natureza.	31
4.2. Relação com a natureza e percepção de preservação da natureza	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICES	55
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista	55
APÊNDICE B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	57

MEMORIAL

Me chamo Henrique Antônio Soares de Queiroz, tenho 22 anos e venho apresentar minha história, desde a escolar, acadêmica e experiências ao longo da vida, na comunidade de Nova Aparecida em Icaraí de Minas-MG, que me trouxeram a este momento no qual me encontro.

Sempre morei na comunidade de Nova Aparecida, no município de Icaraí de Minas, com meus pais, Silvana e José Luiz e meus três irmãos, Bruno, Fernando e Patrique e tive uma infância tranquila, apesar das dificuldades encontradas pelas pessoas que vivem no campo, como por exemplo a falta de emprego e de melhores condições de vida. No entanto, meus pais nunca deixaram faltar nada para mim e meus irmãos, sempre nos incentivando e cuidando de nós quatro, com muito esforço e trabalho. Sempre lutaram para que tivéssemos o melhor, por meio do trabalho no campo, onde meu pai atua na produção de leite, agricultura familiar e apicultura, baseando-se nos seus conhecimentos.

Quando nasci, acabei apresentando uma má formação no céu da boca que, até os meus oito anos, dificultou o desenvolvimento da minha fala. Isso ocasionou em consequências como *bullying* na escola por um tempo até que, após a cirurgia de correção desse problema e o acompanhamento com uma fonoaudióloga, consegui desenvolver a fala. Apesar disso, esse problema não atrapalhou a minha formação na educação básica, que aconteceu na Escola Estadual Manoel Tibério na comunidade de Nova Aparecida, que sempre ofereceu um ensino e estrutura de qualidade, sendo essencial não só para o meu percurso, como também, de diversos alunos que por lá passaram.

Foi graças à escola que descobri uma das grandes paixões da minha vida, a música, através de um projeto que ofereciam atividades para os alunos, como; esportes e aulas de violão, na qual participei com meus irmãos, e hoje fazemos parte do Ministério de Música Filhos de Maria, da Igreja Católica da nossa comunidade, e ajudamos nas celebrações de cultos e missas.

No Ensino Médio, eu tinha medos e dúvidas sobre meu futuro, e tinha pensamentos que me deixavam desanimado com tudo, pois não há muitas oportunidades para as pessoas que vivem na minha comunidade. Porém, no 2º ano do Ensino Médio, eu tive um choque, um despertar durante uma conversa com um professor, que me fizeram perceber a realidade em que eu vivo e que, apesar de não possuir muitas oportunidades de trabalho e estudo, não posso desanimar, e devo compreender as especificidades da minha realidade para poder alcançar os meus objetivos.

Foi nesse contexto que o curso de Licenciatura em Educação do Campo (LECampo), da

Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG), apareceu na minha vida. Conheci o curso através do meu irmão Fernando que cursou na área da Matemática e no ano de 2018, prestei o Exame Nacional do Ensino (ENEM) e me inscrevi no curso. No ano de 2019, logo após concluir o Ensino Médio fui selecionado na primeira chamada para a turma de Ciências Sociais e Humanidades. No começo eu só queria fazer porque foi a única oportunidade que tive, mas após um período de convivência dentro do curso, pude conhecer as lutas dos sujeitos do campo pela Educação do Campo, que é um direito nosso. E meu objetivo é levar as pessoas a conhecerem essa luta para que elas se engajem nela e possamos mudar a nossa realidade. Desejo também tentar fazer as pessoas compreenderem que não precisamos sair do campo, pois ele tem muito a oferecer.

Somando-se aos esforços nacionais de coletivos diversos de luta pela terra que, por meio de ações vinculadas ao Ministério da Educação (MEC), defendem a proposição, implantação e ampliação da Política de Educação do Campo prevista no Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, o curso de Licenciatura em Educação do Campo (LECAMPO), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), integra as ações de oferta de cursos de Licenciatura específicos de formação de professores dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio para atuarem em escolas do campo, visando à ampliação e à qualificação da oferta de Educação Básica e de Ensino Superior às populações rurais de nosso país.¹ O curso de Licenciatura em Educação do Campo conta com quatro áreas de formação, que são as Ciências Sociais e Humanidades (CSH), Ciências da Vida e Natureza (CVN), Língua Artes e Literatura (LAL) e Matemática.

Durante meu percurso no curso, participei de programas como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no qual realizei em conjunto com alguns colegas um projeto para resgatar histórias de personalidades negras da comunidade de Nova Aparecida através de seus relatos para entender a participação desses sujeitos para a formação da comunidade. Recentemente, já no final da graduação, desenvolvi também no Programa Residência Pedagógica um projeto de construção de uma cartografia socioterritorial da comunidade, abordando temas como as atividades econômicas, questões sociais e ambientais, especialmente sobre o rio São Francisco, que aumentaram ainda mais meu interesse em estudar e pesquisar sobre esse espaço.

Hoje em dia, ainda vivendo na comunidade de Nova Aparecida, tenho outra visão do mundo e, principalmente, do lugar em que vivo, pois através das experiências e aprendizados

¹ Portal da Faculdade de Educação. Licenciatura em Educação do Campo. Disponível em: <https://www.fae.ufmg.br/lecampo/>. Acesso em 20 de julho de 2023.

que tive com a Educação do Campo pude reconhecer a importância de questões como a educação na minha escola, das lutas pela terra, dos saberes tradicionais, e a preservação dos espaços e a cultura que são essenciais para a comunidade, como o rio São Francisco.

INTRODUÇÃO

O contato com o rio São Francisco ao longo do tempo, me permitiu observar que ele vem sofrendo diversas transformações, em relação ao que acontecia na minha infância, quando íamos para o rio. Hoje em dia, as práticas presentes nesse espaço ainda acontecem como, por exemplo, a pesca e a agricultura. Nesse sentido, a discussão em torno da questão ambiental do rio São Francisco deve ser intensificada para a manutenção desse espaço e das práticas dos vazanteiros, da importância da preservação do rio, através das suas práticas, porém, o que se observa na comunidade de Nova Aparecida é pouco tem se falado sobre isso. Na escola, há de fato alguns momentos de diálogo sobre a preservação da natureza em datas específicas, mas sobre um dos principais componentes da nossa cultura que é o rio São Francisco, e a prática dos vazanteiros ou dos povos tradicionais em específico, pouco é falado. Na comunidade em geral, isso também ocorre, as pessoas sentem orgulho e de viver tão próximo do rio, porém, não discutimos sobre sua preservação e como os vazanteiros vivem essa preservação através de suas práticas, e isso tem me preocupado, pois caso não haja essa conscientização sobre a importância desses aspectos tão importantes sobre o rio São Francisco, sua degradação e a desvalorização da nossa cultura será inevitável.

Desde criança, tenho visitado o rio com minha mãe, meu pai e irmãos, seja para passear ou para utilizá-lo como forma de subsistência, através da pesca ou consumindo os produtos que são cultivados nas vazantes do rio, e que são comercializados pelas pessoas da comunidade que trabalham com essa atividade. Ficando a cerca de um quilômetro e meio da comunidade, o rio sempre foi um espaço muito marcante na cultura de todos que aqui vivem, onde diversas pessoas em algum momento das suas vidas tiraram seu sustento dele. Isso fica mais evidente quando olhamos para o passado das pessoas que por aqui passaram como, por exemplo, meu avô que, enquanto viveu, sempre esteve em contato com o rio. Tenho várias lembranças do seu trabalho nas vazantes, dentre elas, quando eu e meus irmãos o ajudava a descarregar a carroça cheia de abóboras, vindas da sua produção das vazantes, isso me marcou muito pois são boas lembranças do meu avô Catarino, que faleceu no ano de 2010. Minha relação com o rio São Francisco se dá justamente através do envolvimento da minha família, o que me fez ter uma enorme admiração pelo rio, e um apego emocional também, devido as minhas lembranças da

infância, sempre gostando muito de estar nesse ambiente, seja pescando com meus pais ou irmãos, observando o trabalho nas vazantes, ou ouvindo as histórias que as pessoas contam sobre o rio.

Diante disso, uma questão que impulsionou esse trabalho e me guiou nessa pesquisa foi compreender as relações dos vazanteiros da comunidade de Nova Aparecida, a partir de suas práticas e saberes, com o rio São Francisco.

Tenho pensado nessa questão porque acredito que esses sujeitos têm muito a contribuir para essa discussão. Eles possuem um íntimo contato com o rio, que lhes permite uma visão sobre esse espaço que, muitas vezes, pessoas que não possuem essa mesma proximidade não tem. São saberes, práticas e relações muito características. Penso que trazer essa visão do que os vazanteiros compreendem desse ambiente, enriquecerá o debate sobre a importância dos saberes tradicionais, dando a devida importância e reconhecimento para nossa cultura.

As discussões que venho apresentar através dessa pesquisa são questões muito importantes para mim e se justificam com base na minha trajetória de vida, em especial, na minha relação com o rio São Francisco, memórias da infância no rio São Francisco, com minha família e também pela minha trajetória no curso de Licenciatura em Educação do Campo.

O rio São Francisco é bem marcante na cultura da minha comunidade desde a sua criação, onde os primeiros moradores dependiam bastante desse espaço como forma de subsistência, como é o caso dos meus avós, que criaram minha mãe e seus irmãos tendo o rio como um recurso para isso. A partir do meu ingresso no curso de Licenciatura em Educação do Campo, tenho observado a importância de questões como os saberes e povos tradicionais e suas práticas, em relação a observações das mudanças nos aspectos culturais e ambientais que envolvem o rio São Francisco.

A preservação da natureza também é importante para mim por que tenho me preocupado com o rumo que a questão ambiental tem seguido no nosso país, e temo que o rio sofra de forma desenfreada com a degradação desse espaço, seja na poluição das águas, seja no desmatamento das matas ciliares, e que a nossa cultura seja prejudicada. Portanto, essa pesquisa busca entender a relação dos vazanteiros da minha comunidade com o rio São Francisco para, assim, trazer um retorno do que eu aprendi no meu percurso acadêmico para a comunidade de Nova Aparecida. Além de levar esse debate entre os moradores, esperamos que esse estudo sirva como base para futuras pesquisas.

Todos terão a oportunidade de conhecer mais sobre as práticas dos vazanteiros, os saberes tradicionais, e como isso contribui para a preservação do rio São Francisco. A comunidade de Nova Aparecida tem muito a oferecer nesse quesito, pois as pessoas que vivem

aqui se sentem orgulhosas de viver tão perto do rio. Esse estudo, pretende compartilhar com seus leitores essa potência, objetivando contribuir para a valorização desses sujeitos e seus saberes.

Para essa pesquisa, foi utilizada a pesquisa qualitativa, que, para Minayo (2007, p. 21)

[...] responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

Através da pesquisa qualitativa pude investigar saberes dos vazanteiros da comunidade de Nova Aparecida, trabalhando com sua realidade e entendendo suas práticas relacionadas com o rio São Francisco.

Para a produção de informações da presente pesquisa utilizei da entrevista semi estruturada, “que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (MINAYO, 2007, p. 64). Esse tipo de entrevista se mostra essencial para a realização desta pesquisa, pois, apesar de possuir perguntas definidas, permite uma conversa fluida e confortável para que os vazanteiros possam apresentar suas questões, expondo seus conhecimentos.

O objetivo geral deste trabalho é compreender as relações dos vazanteiros da comunidade de Nova Aparecida, a partir de suas práticas e saberes, com o rio São Francisco. Para isso, foi necessário identificar as práticas dos vazanteiros da comunidade de Nova Aparecida nas vazantes do rio São Francisco; entender como saberes e práticas dos vazanteiros se relacionam com o rio São Francisco; identificar os principais agentes relacionados com o desenvolvimento dos saberes e práticas dos vazanteiros associadas à preservação da natureza do rio São Francisco.

Esse trabalho está organizado em quatro capítulos. No primeiro, busco apresentar o percurso metodológico da pesquisa, que contou com a participação de quatro vazanteiros da comunidade de Nova Aparecida, sendo eles o casal Sra. Maria Ivaneide e Sr. Carlos Roberto, e os Senhores Amadeu e Paulino. Aponto também as estratégias adotadas para realização da pesquisa, a visita com o Sr. Amadeu, e algumas dificuldades encontradas durante esse percurso.

O segundo capítulo, o local em que a pesquisa foi realizada, que são as vazantes do rio São Francisco, ilhas que se formam ao longo do rio e são utilizadas para atividades, como a agricultura. Busco também apresentar alguns aspectos históricos, econômicos e culturais da comunidade de Nova Aparecida e do município de Icaraí de Minas – MG.

Já o terceiro capítulo busca caracterizar os vazanteiros como povos tradicionais para

apresentar algumas discussões sobre sua participação nos ecossistemas em que vivem, e como suas práticas podem contribuir para a manutenção desses espaços.

O quarto capítulo foi destinado à análise dos dados produzidos através das entrevistas e observação com o Sr. Amadeu, em diálogo com discussões sobre a atuação dos povos e comunidades tradicionais nos espaços em que vivem, com base nos objetivos propostos para essa pesquisa.

Por fim, as considerações finais procuram sistematizar a análise dos dados obtidos, e apresentar os resultados alcançados.

CAPÍTULO 01- PERCURSO METODOLÓGICO: explorando a relação entre vazanteiro e o rio São Francisco

A pesquisa de campo para a produção deste trabalho foi iniciada após meu retorno do Tempo Escola (TE) do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LECampo) na cidade Belo Horizonte, que aconteceu nos meses de janeiro e fevereiro de 2023. Quando cheguei na minha comunidade, em Nova Aparecida, logo entrei em contato com o primeiro vazanteiro, como aponta a imagem 1 abaixo, que havia pensado em convidar para participar, que foi o Sr. Amadeu.

Imagem 1 - Sr. Amadeu.



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Então, no dia 25 de março, o convidei e ele prontamente aceitou, pois já havia participado de outras pesquisas de estudantes da LECampo, e como, ele sempre comenta, é uma experiência muito gratificante para ele, pois, apesar de ser analfabeto, pode contribuir de alguma forma para estudos. Inclusive esse foi um dos motivos pelo qual resolvi convidá-lo, pela sua experiência em já ter participado de outras pesquisas.

Aproveitei a oportunidade para ver com ele a possibilidade de acompanhá-lo até a sua vazante para observar um pouco sobre suas práticas e para entender melhor o seu território, porém o barco do Sr. Amadeu estava acabando de ser reformado, o que inviabilizou essa observação em um primeiro momento. Posteriormente, conversei com meu pai, o Sr. José Luiz, para que ele cedesse seu barco e motor, que ele utiliza para pescar nos finais de semana, para que assim pudéssemos ir até a vazante. E assim ficou combinado e aguardei seu retorno sobre o dia em que ele iria.

Enquanto isso, entrei em contato com outros vazanteiros, a Sra. Maria Ivaneide e o Sr. Carlos Roberto, apresentados na imagem 2 abaixo, que são um casal, para convidá-los a fazer parte deste trabalho. Eles aceitaram, me convidaram para ir visitar as vazantes futuramente e marcamos a entrevista.

Imagem 2 - Sr. Carlos Roberto e Sra. Maria Ivaneide



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Já no dia 28 de março de 2023, enquanto me organizava para fazer algumas leituras para a escrita do TCC, o Sr. Amadeu me ligou, se desculpando por que ele estava na vazante trabalhando e havia se esquecido de me avisar sobre o dia em que iria até lá e me perguntou se daria tempo de ir com meu pai, pois ele iria me receber lá na vazante. Então comuniquei ao meu pai, e fomos até a vazante. Como não sabíamos exatamente o local onde ele se encontrava, pois as vazantes são um local extenso, perguntamos para algumas pessoas que estavam no porto que liga o rio São Francisco e a comunidade de Nova Aparecida. Com isso, adentramos o rio e seguimos até o local indicado e, no caminho, pude notar algumas pessoas chegando ao porto, organizando as redes utilizadas na pesca e varas de pescar. Havia também pessoas tomando banho e crianças pescando à margem do rio, e o clima estava parcialmente nublado.

Nas vazantes, observei o Sr. Amadeu trabalhando, limpando o terreno enquanto conversava com ele sobre as vazantes e como era trabalhar no meio do rio. Ele foi me contando como era um serviço trabalhoso e que a roçadeira a gasolina que ele estava utilizando poupava muito tempo e esforço. Ele foi me explicando também de quem eram os terrenos ao lado do seu, e que a divisão é feita através de estacas de madeira que são colocadas no chão, formando um quadrado com quatro estacas, e assim, os demais vazanteiros conseguem identificar os limites da sua plantação.

Nesse dia, seu trabalho consistiu somente em limpar o mato que estava crescendo nas vazantes. No entanto, a gasolina da sua roçadeira acabou e ele decidiu que era a hora ir embora, e então fomos até os barcos e seguimos o caminho de volta para o Nova Aparecida.

Dois dias depois dessa visita à vazante, retornei à casa do Sr. Amadeu para que pudéssemos realizar a entrevista semi estruturada, para entender um pouco melhor como era seu trabalho nas vazantes. No entanto, um significativo problema surgiu: parte dos termos utilizados no roteiro de entrevistas acerca da temática preservação ambiental não possuíam os mesmos significados dados pelo entrevistado, o que dificultou a compreensão do Sr. Amadeu sobre as perguntas propostas. Após a entrevista, fiquei com um sentimento de frustração porque não havia alcançado um bom resultado com essa entrevista. Foi então que decidi modificar algumas questões do roteiro, com termos que poderiam ser melhor compreendidos pelos vazanteiros. Inclusive, foi a partir desse momento, que o termo “preservação ambiental” começou a ser substituído por “preservação da natureza e do rio São Francisco”. O Sr. Amadeu possuía uma outra interpretação sobre o termo utilizado anteriormente, o entendendo enquanto órgãos de proteção ambiental e grandes proprietários de terra, que o levava a dar respostas sobre a relação entre os vazanteiros e esses indivíduos, e não sobre a sua relação com o rio São Francisco.

Reestruturei, então, o roteiro e fui até a casa da Sra. Maria Ivaneide e o Sr. Carlos Roberto, e lá a entrevista fluiu muito bem, com questões muito interessantes apresentadas por ambos que de fato demonstravam a relação que os vazanteiros têm com o rio São Francisco e a preocupação que eles têm em preservar esse espaço. Ao final fui convidado por eles para visitar a vazante e marcamos para a próxima semana.

Na manhã seguinte, já iniciei o processo de transcrição das duas entrevistas, mesmo com os problemas encontrados na entrevista com o Sr. Amadeu, e, enquanto fazia isso, pensei em convidá-lo novamente para conversar mais sobre os vazanteiros. Ele concordou e a entrevista, já com o novo roteiro, conseguiu extrair muito mais questões sobre a sua relação com o rio São Francisco, vazantes e sua compreensão do que é preservar a natureza.

Chegando o dia combinado com a Sra. Maria Ivaneide e Sr. Carlos Roberto me deparei com outro problema. Ela estava doente e não poderíamos mais ir na vazante naquele dia, e, infelizmente, não conseguimos mais encontrar outra data, pois eles estavam lidando com outras demandas além das vazantes, e eu também estava muito atarefado com questões do Programa Residência Pedagógica, leituras e escritas de outros capítulos do trabalho e demandas da escola em que trabalho, em uma comunidade próxima a Nova Aparecida.

Por fim, fui até a casa do Sr. Paulino, indicado na Imagem 3 abaixo, para ver a sua

disponibilidade para conversar e realizarmos a entrevista, e marcamos para o período da noite, só que, no horário marcado, não o encontrei em casa.

Imagem 3 - Sr. Paulino.



Fonte: Arquivo do pesquisador

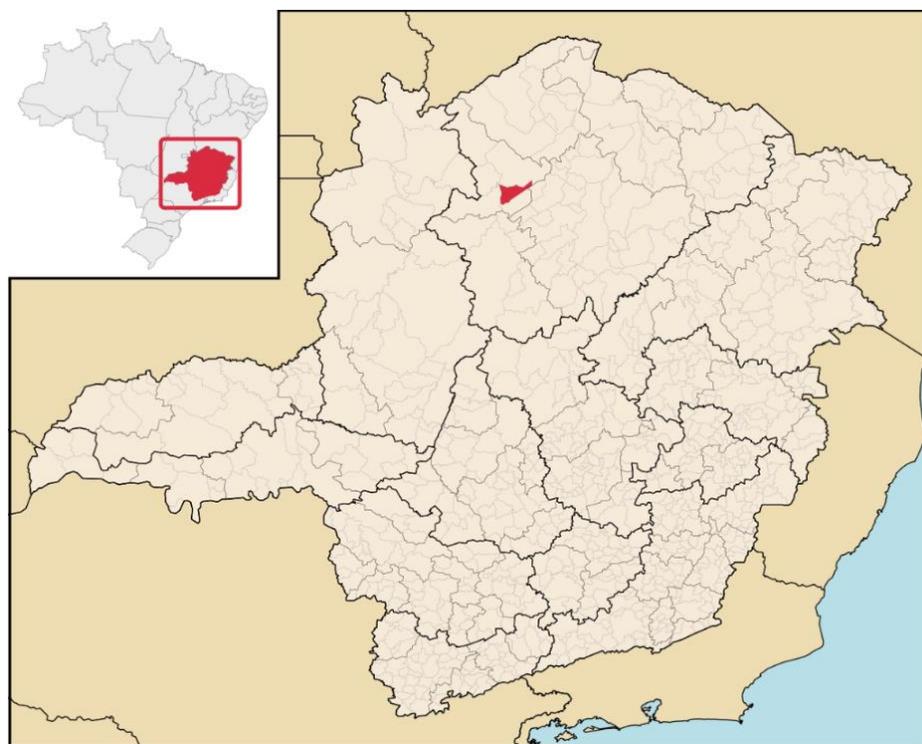
Dias depois retornei em sua casa e o encontrei, ele pediu desculpas por não ter conseguido me ajudar naquele dia, pois estava muito ocupado e se colocou à disposição para a entrevista. Então começamos a entrevista, sentados em um banco de madeira debaixo de uma árvore em sua casa, e foi um momento muito interessante em que senti que ele ficou emocionado em alguns momentos, e, ao final da entrevista, ele se mostrou muito feliz por poder ajudar contando sobre seu trabalho no rio. Ao final, marcamos de ir na vazante para uma observação, porém, novamente, não foi possível devido a incompatibilidade de horários.

E, assim, se encerrou meu percurso metodológico, em que, apesar das dificuldades e problemas enfrentados, foi uma experiência maravilhosa, pois conversar com essas pessoas sobre o rio São Francisco, um lugar em que nós moradores da comunidade de Nova Aparecida sentimos orgulho de viver tão perto, me fez criar um laço emocional ainda maior com ele e com os sujeitos que estão envolvidos nesse espaço.

CAPÍTULO 02- CONTEXTUALIZANDO O LOCAL DA PESQUISA: o município de Icarai De Minas e a comunidade de Nova Aparecida

A presente pesquisa foi realizada na comunidade de Nova Aparecida, que se localiza a cerca de 1,6 quilômetros do rio São Francisco, sendo a maior do município de Icarai de Minas – MG, um município do norte do Estado de Minas Gerais, como mostra a imagem 4 abaixo, que conta com uma população estimada no ano de 2021 pelo IBGE em 12.200 habitantes e de acordo com o censo de 2010, 10.746 habitantes.

Imagem 4 - Localização de Icarai de Minas em Minas Gerais.



Fonte: Wikipédia

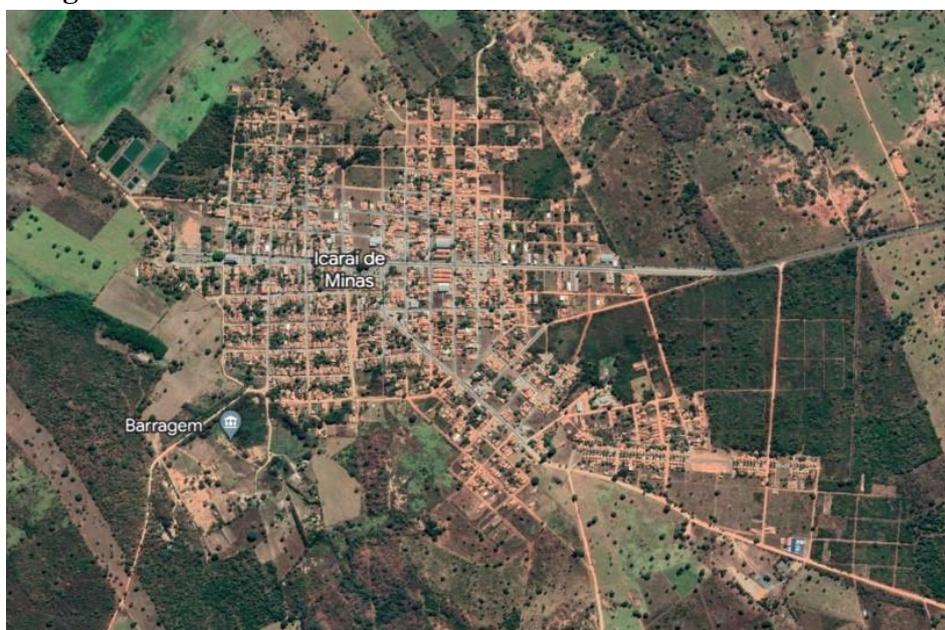
A história do município de Icarai de Minas se inicia de acordo com o portal da Prefeitura Municipal de Icarai de Minas², a partir de 1920, onde um pequeno agrupamento de casas se formou em torno da fazenda do Sr. José Bernardino Teixeira e esse local ficou conhecido pelos nomes de “Tiririca” e “Sucupira”. Posteriormente foi instalada a primeira escola e o coronel Bernardino, promoveu a construção de uma igreja para incentivar o crescimento populacional. Diante disso, a até então a comunidade passou para a jurisdição do da paróquia de São José em

² Portal da Prefeitura Municipal de Icarai de Minas. Disponível em: <https://icaraideminas.mg.gov.br/historia-e-dados/>. Acesso em 24 de abril de 2023.

São Francisco.

Na sua formação administrativa, foi criado um distrito com a denominação de Conceição da Vargem, pelo Decreto Estadual nº. 143, de 16 de julho de 1890, e Lei Estadual nº. 2, de 14 de setembro de 1891, subordinado ao município de São Francisco. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o distrito de Conceição da Vargem pertenceu até o ano de 1988 ao município de São Francisco. Somente no ano de 1993 foi definido pela Lei Estadual nº. 10.704, de 27 de abril de 1992, a criação do município de Icaraí de Minas com sede no antigo distrito de Conceição da Vargem. Na imagem 5 vemos como é a cidade de Icaraí de Minas atualmente:

Imagem 5 - Cidade de Icaraí de Minas.



Fonte: Google Earth.

Em relação, aos aspectos econômicos de acordo com o IBGE (2020), o salário médio mensal dos trabalhadores formais é de 1,6 salários mínimos. As principais atividades econômicas do município de Icaraí de Minas, é a pecuária de leite e de corte, a produção de carvão e a agricultura. Icaraí de Minas é conhecido como a cidade do leite, por ser uma prática presente em todo o território do município, onde alguns produtores possuem uma pequena produção em suas propriedades na roça, e alguns fazendeiros possuem uma estrutura maior, com propriedades e rebanho maiores e ordenhas, que aumentam a produção.

De acordo com o Portal da Cidade³, site que reúne diversas informações de várias cidades, atualmente a pecuária de leite e corte, comércio e serviços, movimentam a economia local, abarcando ainda, a organização da produção na agricultura familiar. O município é detentor de grande bacia leiteira, com uma produção estimada em mais de dois milhões de litros de leite ao mês. A Prefeitura é a maior mantenedora de empregos formais do município, já realizando e empossando diversos profissionais em dois concursos públicos, com destaque para as gestões dos Prefeitos Arnaldo Ribeiro da Fonseca, Raimundo Pereira da Fonseca e James Veloso Almeida, tornando a prestação de serviços essenciais à população, estas ligadas diretamente às questões educacionais e de saúde. O asfaltamento da MG-402 em 2010 facilitou e muito o desenvolvimento, uma vez que, as riquezas produzidas no município necessitavam urgentemente de uma política de abastecimento e comercialização de seus produtos.

O município tem como grande atrativo as festas culturais, como, a vaquejada nacional que coincide com o aniversário da cidade e atraem pessoas de várias cidades do país, as cavalgadas, paixão dos cavaleiros e amazonas e as tradicionais festas juninas que boa parte das comunidades do município festejam. Tem como padroeira da cidade Nossa Senhora da Conceição, que também é padroeira da igreja matriz.

Já a história da comunidade de Nova Aparecida se inicia no ano de 1964 com a venda da fazenda Anjicos, a qual pertencia ao município de São Francisco, Distrito de Conceição da Vargem, à margem do rio São Francisco, pelo então proprietário o Sr. Manoel Tibério para o Sr. Francisco Soares Almeida. No momento da venda o Sr. Manoel Tibério doou grande quantidade de terra para a construção do grupo escolar, pois na sede da fazenda funcionava a escola municipal que atendia uma pequena população que vivia da agricultura de subsistência e pecuária.

Posteriormente, foi solicitado pelos moradores da comunidade, ao Padre Vicente, padre da região, que este solicitasse a construção de uma capela escolar. Por meio de campanhas para arrecadação dos recursos necessários para a construção, a capela foi construída e ficou pronta em 1975. Essa capela escolar funcionou por 23 anos⁴. A imagem 6 abaixo mostra uma como era a praça da comunidade de Nova Aparecida, anos atrás.

³ Portal da Cidade Icarai de Minas. História de Icarai de Minas – MG. Disponível em <https://icaraideminas.portaldacidade.com/historia-de-icara%C3%AD%20de%20minas-mg> Acesso em 15 de maio de 2023.

⁴ História da Comunidade de Nova Aparecida, relatada em um livro por Sueli de Fátima Almeida Cavalcanti e Maria Francisca Cordeiro de Souza (2015) moradoras da comunidade, que trabalharam por longos anos na Escola Estadual Manoel Tibério.

Imagem 6 - Antiga Capela Escolar da comunidade de Nova Aparecida.



Fonte: História da comunidade de Nova Aparecida (2015).

Atualmente a comunidade conta com a Escola Estadual Manoel Tibério, uma escola do campo, definida pelo Decreto Presidencial Nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, no Artigo 1º, § 1º, Item II que “escola do campo é aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo”. A escola funcionava na fazenda Angicos, no distrito de Conceição da Vargem, quando ainda pertencia ao município de São Francisco, tendo como primeira professora, a Srta. Terezinha de Jesus Almeida. Posteriormente, com a venda da fazenda Angicos, o então proprietário Sr. Manoel Tibério doou uma parte da terra para a construção do grupo escolar. Em 1966 foi então criada a Escola Estadual Manoel Tibério, e com o passar dos anos, ela funcionou em espaços como salas na casa do Sr. Francisco Soares Almeida, que comprou a fazenda Angicos, e na capela escolar como vimos anteriormente, construída através de campanhas feitas pelo Pe. Vicente Euteneuer e doações dos moradores.

Por fim, no ano de 1996 a comunidade de Nova Aparecida foi agraciado com um prédio escolar com melhores condições para seus estudantes e educadores, ofertando o ensino fundamental completo, e um pouco mais a frente no ano de 2008, sendo autorizada a ofertar o ensino médio. A escola tem uma estrutura ampla, que atende os alunos da comunidade de Nova Aparecida de comunidades vizinhas e localidades próximas, com o apoio do transporte escolar.⁵

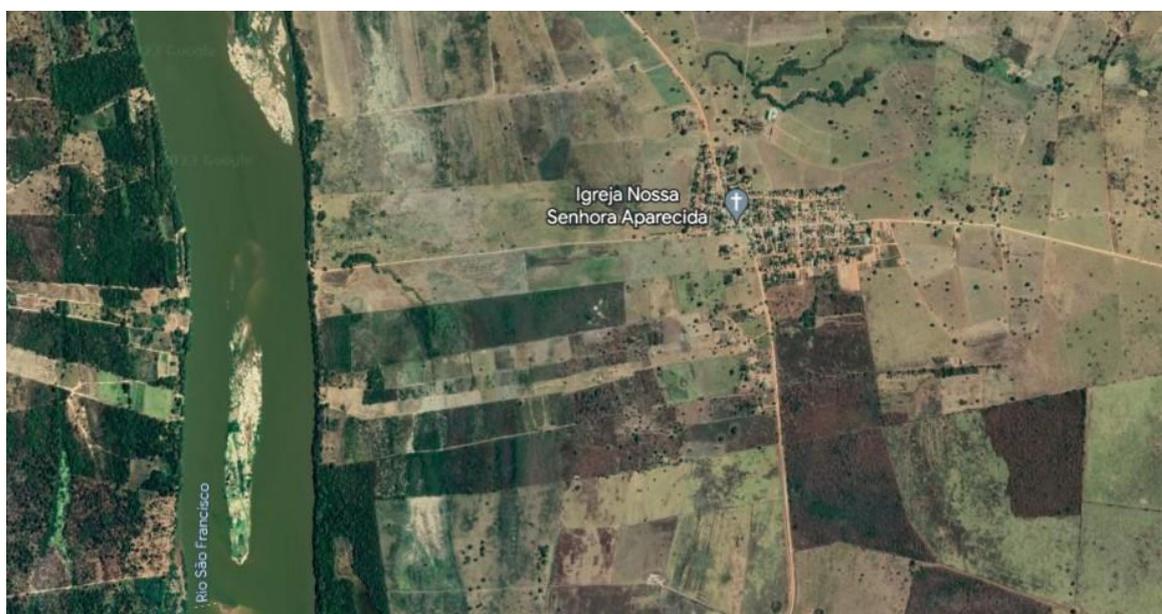
⁵ “Histórico da escola” extraído do Projeto Político Pedagógico (PPP) de 2022 da Escola Estadual Manoel Tibério, comunidade de Nova Aparecida, município de Icarai de Minas.

CAPÍTULO 03- A PRÁTICA VAZANTEIRA E A PRESERVAÇÃO DA NATUREZA NO DEBATE ACADÊMICO

3.1. Vazanteiros como povos tradicionais.

A comunidade de Nova Aparecida, como mencionado anteriormente, se localiza próximo ao rio São Francisco, sendo possível avistá-lo em época de enchente nos meses de janeiro e fevereiro. Essa proximidade, como mostra a imagem 7, permite que os moradores da comunidade e região desenvolvam várias atividades no rio, desde práticas como a pesca e a agricultura nas vazantes até práticas ilegais como o desmatamento e a extração de areia.

Imagem 7 - Rio São Francisco e comunidade de Nova Aparecida.



Fonte: Google Earth.

Na comunidade de Nova Aparecida há a presença de povos tradicionais, como os pescadores artesanais e os vazanteiros. Oliveira (2005, p. 52) aponta a importância de caracterizar os vazanteiros como povos tradicionais, sendo eles

[...] uma população cuja identidade cultural é marcada pela forma específica de apropriação do território. A denominação de vazanteiro pode ser vista, na perspectiva naturalizante, como populações que seriam uma extensão da natureza ou uma cultura meramente adaptativa ao ambiente.

Essa importância se dá pelo fato de que há um risco de uma cultura, construída historicamente por sujeitos, constituída de práticas e saberes, ser interpretada como “natural”. Além de estabelecer uma relação instrumental com essas populações, vistas, nesta perspectiva, úteis somente na preservação dos ecossistemas e na conservação da diversidade biológica. O

conceito de “povos tradicionais” é reconhecido pelo governo federal brasileiro, o que contribui no processo de autoconstituição dos vazanteiros, e aproxima os vazanteiros das lutas territoriais de outros grupos com realidades distintas, como os quilombolas e os geraizeiros. (OLIVEIRA, 2005, p. 126).

A agricultura nas vazantes do rio São Francisco é uma atividade presente na comunidade de Nova Aparecida, praticada pelos chamados vazanteiros, que, de acordo com Oliveira (2005, p. 10), são

[...] as populações residentes nas áreas inundáveis das margens e ilhas do rio São Francisco que se caracterizam por um modo de vida específico, construído a partir do manejo dos ecossistemas são-franciscanos, combinando, nos diversos ambientes que constituem o seu território, atividades de agricultura de vazante e sequeiro com a pesca, a criação animal e o extrativismo. (OLIVEIRA, 2005, p. 10)

Os termos Varzeiros e Varzeiros também são utilizados para denominar as populações tradicionais que vivem às margens dos rios e várzeas, especialmente do rio São Francisco, porém eles também se aplicam a ribeirinhos e caboclos de outros rios, como o Paraná (DIEGUES & ARRUDA, 2000, p. 55). No entanto, Oliveira (2005), nos aponta que os termos Vazanteiro, Ilheiro e Barranqueiro são usados pelos próprios agricultores do rio São Francisco, enquanto uma denominação identitária.

Os moradores das margens ou das ilhas do rio São Francisco, praticantes da pesca artesanal e da agricultura de vazante, se autodenominam vazanteiros, ilheiros ou barranqueiros, sendo que a primeira denominação é a mais utilizada por eles nos locais em que foi desenvolvida a pesquisa, inclusive para se diferenciarem enquanto camponeses com realidades específicas dentro dos municípios onde vivem (OLIVEIRA, 2005, p. 53-54).

Um ponto importante dessa prática, no rio São Francisco, são as vazantes, que Queiroz (2020, p. 13) define como “ilhas que surgem dentro do rio no período da seca. Por terem um solo muito fértil e por possuírem recursos que favorecem a agricultura, os moradores as utilizam para cultivar suas plantações e garantir uma forma de sustentar suas famílias”. Diante disso, os vazanteiros da comunidade de Nova Aparecida, e muitos outros que anteriormente viveram dessa prática ao longo dos anos, tiraram, nesse espaço, o sustento de suas famílias das vazantes, com os alimentos ali produzidos, para consumo próprio ou para a comercialização na comunidade. É importante destacar a forma como alguns povos tradicionais, dentre eles os vazanteiros, utilizam e ocupam esses espaços, eles

[...] tinham seu lugar de moradia mais ou menos fixos, mas praticavam a agricultura itinerante em “espaços comuns”, muitas vezes distantes de suas casas, onde não vigorava, na maioria dos casos, a “posse” ou a propriedade individual. Outros moradores podiam fazer suas roças nas áreas anteriormente ocupadas. (DIEGUES & MOREIRA, 2001, p. 102)

Essa relação de uso dos “espaços comuns” possui algumas particularidades que provocam discussões em torno da apropriação dos recursos naturais. Diegues e Moreira (2001) apontam quatro categorias de direito de propriedade: livre acesso, propriedade privada, propriedade comunal e propriedade estatal. Na propriedade comunal

[...] os recursos são manejados por uma comunidade identificável de usuários interdependentes. Esses usuários excluem a ação de indivíduos externos, ao mesmo tempo em que regulam o uso por membros da comunidade local. Internamente à comunidade, os direitos aos recursos normalmente não são exclusivos ou transferíveis, e sim frequentemente igualitários em relação ao acesso e ao uso (DIEGUES & MOREIRA, 2001, p. 20).

Essas são algumas características marcantes dos povos tradicionais, dentre eles, os vazanteiros, onde a forma que utilizam os recursos naturais, como as vazantes, demonstra também a forma como eles se organizam, criando estratégias para lidar com a utilização coletiva desse espaço, nas relações com os demais vazanteiros e outros sujeitos que utilizam o rio São Francisco. Existem também tensões que são enfrentadas pelos povos tradicionais, e nas vazantes não seria diferente, entre elas as lutas pela regulamentação dessas áreas.

Na comunidade de Nova Aparecida, não há lutas pela legalização dessas terras, os vazanteiros se consideram responsáveis por elas, cuidando para que elas possam ser utilizadas (QUEIROZ, 2020), porém essa tensão ocorre em diversos outros lugares onde há a presença de vazanteiros, que sofrem com a pressão de estarem presentes nesse espaço, que são áreas de uso comum, onde o dono é quem cuida.

Um estudo realizado na Ilha da Ingazeira, em Manga, aponta que a ação de regulação da posse de terras, que vinha sendo implementada pelo Poder Público Estadual, teve origem a partir das reivindicações das Associações de Vazanteiros e dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais de Manga e Itacarambi pela “documentação das posses dos vazanteiros, que regularizados, (...) [teriam] acesso na condição de trabalhadores rurais a alguns benefícios sociais de programas governamentais que são direcionados à agricultura familiar (OLIVEIRA, 2005, p. 20).

Diante disso, nota-se a importância que ações como essa tem para que os vazanteiros tenham seus espaços reconhecidos, para que conflitos em torno da ocupação das vazantes sejam evitados. A valorização desses povos, com suas práticas, cultura e história relacionadas ao rio São Francisco, também é essencial, tendo em vista, que eles possuem um longo histórico nesse ambiente, e os conhecimentos, adquiridos ao longo do tempo, podem contribuir para que discussões em torno dessa e de outras questões, como a preservação ambiental.

3.2. Povos tradicionais e a preservação da natureza

No debate sobre preservação da natureza, especificamente de alguns aspectos que compõe o meio ambiente, como; a diversidade de espécies da fauna e flora; dos lagos, córregos, rios; da riqueza cultural presente nesses espaços, os conhecimentos e práticas dos povos tradicionais aparecem como um fator a ser discutido no âmbito da preservação ambiental, tendo em vista a relação que esses povos possuem com esse espaço.

O item I do art. 3º do Decreto Nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, define povos e comunidades tradicionais como:

Grupo culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

Esses povos possuem características adquiridas ao longo do tempo, que lhes permitem a utilização desses espaços com o pensamento voltado para manutenção dos mesmos a partir das práticas e saberes que desenvolveram, garantindo também que os aspectos históricos, econômicos e sociais da sua cultura permaneçam.

Pereira e Diegues (2010, p. 38) apontam que na discussão em torno dos povos tradicionais como indivíduos atuantes no processo de conservação da natureza, passando a ser considerados importantes atores responsáveis pela proteção do ambiente em que eles estão inseridos, surge com o crescimento de movimentos que buscam cuidar do meio ambiente com a perspectiva de que manejos sustentáveis pelos povos tradicionais não geram impactos drásticos a natureza. Nesse sentido, a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio 92) enfatizou a necessidade de proteger esses povos e seus conhecimentos e práticas.

Os autores apontam ainda o conceito de etnoconservação, que se apresenta como uma solução para combater a destruição da natureza nessa perspectiva de atuação dos povos tradicionais. A etnoconservação remete ao ano de 1952, iniciada por um estudo realizado por Balick e Cox sobre o uso de plantas por populações indígena, e serviu de base para outras pesquisas que buscaram relacionar a conservação e o manejo dos recursos naturais por populações tradicionais. O trabalho procurou caracterizar os povos tradicionais para então compreender a difusão de seus conhecimentos presentes na etnociência, que se torna foco desse trabalho a partir do levantamento da evolução dos estudos e que permitiu o desenvolvimento

da discussão sobre etnoconservação, partindo de aspectos históricos e culturais, possibilitando uma nova perspectiva para a conservação da natureza (PEREIRA & DIEGUES, p. 38, 2010).

Outros autores acrescentam a essa discussão sobre a relação entre povos tradicionais e natureza do ponto de vista da etnoconservação, como uma perspectiva de que os saberes e práticas dos povos tradicionais e os ecossistemas possuem uma correlação entre si.

Silva Junior (2009) apresenta em seu artigo sobre etnoconservação que “Seu princípio determinante é a orientação do manejo desses recursos regidos pela lógica, saberes, práticas e usos específicos das comunidades e povos tradicionais presentes nesses contextos territoriais.” (SILVA JUNIOR, 2009, p. 90). Nesse sentido, Pereira e Diegues (2010, p. 46) pontuam que:

[...] os estudos da etnoconservação se direcionam para a classificação dos elementos naturais segundo os mitos, valores e visões de mundo das populações tradicionais. Ao cogitar este sistema de classificação por meio da abordagem cognoscitiva, procura-se a compreensão do modo como estes elementos culturais influenciam ou até mesmo determinam o manejo dos recursos naturais, ao mesmo tempo em que proporcionam a conservação dos mesmos.

Portanto, como a relação entre povos tradicionais, com suas práticas, saberes e conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, baseados nos diferentes ambientes em que ocupam, como as vazantes, tem espaço para discussão, sobre a sua contribuição para a preservação da natureza.

Diferentes visões e perspectivas são importantes para que a participação dos povos tradicionais na preservação da natureza, com suas práticas, conhecimentos e saberes adquiridos ao longo dos anos sejam vistos como algo benéfico para a natureza, e o debate em torno da etnoconservação se mostra como um caminho para que isso aconteça.

Essa possível participação dos povos e comunidades tradicionais na preservação da natureza e conservação da biodiversidade, também podem ser observadas a partir do reconhecimento do que Toledo (2001) define como um complexo de valores da “crença-conhecimento-prática”, de um ponto de vista etnoecológico, chamados de *kosmos*, *corpus* e *práxis*⁶. O autor define essa visão etnoecológica “como um enfoque interdisciplinar explorando como a natureza é vista pelos grupos humanos através de uma cortina de crenças e conhecimentos e como os humanos através de suas imagens usam e manejam os recursos

⁶ Para o autor, o *kosmos* é um sistema de crenças e a cosmovisão, onde os povos tradicionais reverenciam e respeitam a terra, que possui qualidades sagradas e não a veem como sendo simplesmente um recurso econômico. O *corpus* é repertório de conhecimentos ecológicos locais, coletivos diacrônicos e holísticos que os povos e comunidades tradicionais possuem, gerando sistemas cognitivos sobre os recursos naturais, os transmitindo de geração em geração, como fizeram os povos indígenas. A *práxis* seria a apropriação dos recursos biológicos na área em que vivem, se baseando em trocas com a natureza, se afastando mais de trocas econômicas, que os levam a pensar formas de garantir a continuidade dos recursos naturais (TOLEDO, 2001).

naturais” (TOLEDO, p. 7, 2001).

Diante disso, é importante que esse conjunto de crenças centradas na natureza reverenciada como um bem muito importante a ser preservado, criando uma relação de respeito entre homem e natureza, o conjunto de conhecimentos baseados na utilização de recursos naturais de forma a garantir a permanência dos mesmos transmitido e adquiridos ao longo do tempo e as práticas desenvolvidos por esse povos e comunidades tradicionais sejam discutidos e analisados como atuantes no processo de preservação da natureza.

Outros estudos também apontam para a importância dos Povos e Comunidades Tradicionais para a preservação ambiental e cultural de seus territórios. Conforme Carvalho & Lelis (2014, p. 8):

Essas comunidades, povos ou sociedades tradicionais, guardiãs de um rico e quiçá ameaçado saber, compartilhem estilos de vida particulares, fundados na natureza, no conhecimento sobre ela e nas melhores práticas para conservá-la e utilizá-la sustentavelmente, respeitando desse modo sua capacidade de recuperação e conservação.

Observamos, portanto, uma relação entre os povos tradicionais com o meio ambiente, onde os conhecimentos e práticas voltadas para a utilização dos recursos naturais de forma sustentável, respeitando e garantindo a permanência dos espaços em que vivem. A evolução das práticas dos povos e comunidades tradicionais ao longo do tempo, também demonstram essa relação com a natureza, e que esses saberes tradicionais são dinâmicos, se aprimoram como aponta Souza Santos, Meneses & Nunes (2004),

[...] o conhecimento tradicional não é estático e sim dinâmico, e o termo tradicional não se refere a sua antiguidade - não se trata apenas de conhecimentos “antigos” ou “passados”, mas de conhecimentos também presentes e futuros que evoluem e se transformam, a partir de práticas dinâmicas. (SOUZA, MENESES & NUNES, 2004, p. 72, *apud* MELLO & RIGOLIN, p. 3, 2012).

Essa dinâmica presente nos conhecimentos tradicionais é essencial para que as práticas de povos como os vazanteiros, com seu trabalho de agricultura nas vazantes, se adequem visando a preservação do da natureza, sem afetar a qualidade da água ou do solo, garantindo assim, através da evolução e aprimoramento de suas práticas que a permanência desses espaços seja garantida, para as futuras gerações.

São diversas as contribuições nessa discussão sobre a atuação dos povos e comunidades tradicionais na natureza, onde o manejo dos recursos naturais realizados por esses povos mostram de fato uma relação entre seus conhecimentos e práticas e sustentabilidade. Pedrosa e Rodrigues (2019) ressaltam que

[...] as comunidades tradicionais possuem formas de uso e manejo pautados na relação que estes estabelecem com a natureza, baseado em suas crenças, costumes, habilidades, saberes que são repassados e transformados de acordo com a cultura e a partir dos conhecimentos tradicionais, os quais precisam ser reconhecidos e respeitados em seus espaços de vida social e cultural. (PEDROSA & RODRIGUES, p. 11, 2019)

Nesse sentido, o reconhecimento da territorialidade desses povos, da forma como eles utilizam a natureza por meio de suas práticas e conhecimentos deve se mostra necessário, tendo em vista a discussão apresentada até aqui. Paul Little (2002) define territorialidade como “o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu “território”.

O reconhecimento desse território, como um espaço do qual os povos tradicionais se apropriam e utilizam os recursos ao seu redor, com suas práticas e saberes próprios, desenvolvidos através do tempo, baseados nas experiências com a natureza é essencial para a permanência desses povos e todas as especificidades que os compõem. Porto-Gonçalves (2012, p. 34) nos indica que

[...] como não há apropriação material que não seja ao mesmo tempo simbólica, o processo de apropriação da natureza é acompanhado, ao mesmo tempo, por uma tensa e intensa luta pelos sentidos a ela atribuídos. Nesse sentido, a natureza e a cultura são politizadas (PORTO-GONÇALVES, p. 34, 2012).

A politização das discussões em torno da participação dos povos tradicionais é algo que naturalmente ocorre, quando pensamos nessa apropriação, não somente de forma material, mas também do simbolismo que a permanência desses povos, suas práticas e saberes representam para si próprios, para a história e cultura local. Ações e políticas ambientais (ou a ausência delas voltadas para os povos e comunidades tradicionais) por parte do Estado e outras entidades estão cada vez mais em evidência, muitas vezes guiados por interesses econômicos, o que leva a intensas lutas pelo reconhecimento desses povos e seus espaços criando relações de poder entre. Silva Junior (2009, p. 90) afirma que “a presença de forças político-econômicas atreladas às relações capitalistas de produção converge, em muitos casos, para a desarticulação do modo de vida dessas especificidades étnicas”.

No entanto, medidas que fazem oposição ao modo de vida dos povos e comunidades tradicionais, com interesses econômicos que acabam por muitas vezes interferindo de forma negativa na dinâmica desses povos, e que impactam no meio ambiente, devem ser repensadas e combatidas. Como vimos até aqui, os povos e comunidades tradicionais possuem uma relação intrínseca com a natureza, que deve ser respeitada e garantida por meio de políticas de apoio aos povos e comunidades tradicionais e a combate a degradação do meio ambiente. Pereira e

Diegues (2010, p. 47) dizem que:

É possível considerar ainda que a necessidade do uso racional dos recursos naturais configura-se também como um requisito para a perpetuação das populações tradicionais nos ambientes nos quais estão inseridas, ao mesmo tempo em que a diversidade biológica das áreas nas quais estas populações estão presentes depende da continuidade do manejo tradicional dos recursos.

Por fim, entende-se que através dos povos e comunidades tradicionais, surgem importantes questões que contribuiriam para o debate acerca da preservação da natureza, pois com os saberes tradicionais, o uso sustentável dos recursos naturais por esses povos tem muito a dizer sobre formas de conservar a natureza. Não podemos, no entanto, romantizar e generalizar os povos e comunidades tradicionais como sujeitos inteiramente comprometidos com a preservação da natureza, como têm feito os conservacionistas. O reconhecimento da relação positiva entre esses povos e a natureza tem sido contrabalanceado com ações que podem causar danos à natureza, como pressão no mercado, o uso de tecnologias prejudiciais e desorganização local, vindas desses povos (TOLEDO, p.12, 2001).

Mesmo assim trazer a luz o que os povos e comunidades tradicionais, desde ribeirinhos, povos indígenas e vazanteiros, tem a dizer através de suas práticas e manejo dos recursos naturais, pode ser uma solução para se discutir formas de preservar a natureza, pois assim como o pensamento de Chico Mendes, “não há defesa da floresta, sem os povos da floresta”⁷.

⁷ PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Mendes, Chico Xapuri (Brasil), 1944-1988. Enciclopédia Latino Americana. Disponível em <https://latinoamericana.wiki.br/verbetes/m/mendes-chico>

CAPÍTULO 04- PERCEPÇÃO DOS VAZANTEIROS DE NOVA APARECIDA SOBRE A PRESERVAÇÃO DA NATUREZA: um olhar sobre a relação com o rio São Francisco.

4.1. Conhecimento e práticas de preservação da natureza.

Os conhecimentos tradicionais são essenciais nas práticas dos povos e comunidades tradicionais, pois através deles, eles podem manejar os bens naturais ao seu redor, atendendo às suas necessidades. Durante entrevistas realizadas com os vazanteiros da comunidade de Nova Aparecida, foi possível observar significativas relações com o repensarmos esse termo e suas estratégias para a preservação da natureza. Ao mergulhar nos relatos e experiências compartilhados pelos vazanteiros, podemos compreender melhor as formas como eles interagem com a natureza e como suas práticas se significam e se relacionam com os bens naturais. Através dessa análise, buscamos ampliar nossa compreensão sobre a importância das perspectivas dos vazanteiros para a preservação da natureza e a busca por um futuro sustentável. Pedrosa & Rodrigues (2019, p. 7) apontam que

os povos tradicionais desenvolveram ao longo de séculos um extenso saber no que se refere às características ambientais do território no qual habitam respeitando e aprendendo a viver de acordo com os processos e ciclos da natureza, sendo portadores de um vasto conhecimento dos recursos naturais locais (PEDROSA & RODRIGUES, p. 7, 2019)

Esses saberes e práticas podem ser observadas a partir dos relatos dos vazanteiros da comunidade de Nova Aparecida, os quais demonstram conhecimento sobre os ciclos da natureza em que são essenciais para que eles possam desenvolver suas práticas e pensar formas sustentáveis de trabalhar nas vazantes.

O plantio nas vazantes na época da seca, no mês de abril, como aponta a Sra. Maria Ivaneide, por exemplo, é uma prática importante que ela e seu marido utilizam para que eles possam trabalhar nas vazantes sem causar muitos impactos ao rio São Francisco e à natureza em volta.

na época da seca, por que nas águas o rio vem e cobre tudo, né? Então a vazante, ela fica debaixo d'água. E aí, quando entra a época da seca, que seria o mês de abril, então o rio vai baixando, ela vai apontando, aí então a gente já cuida dela antes, por que não pode bater nada de veneno, que nós não usa nada, nada, nada de veneno. É puro mesmo. Então aí a gente já corta o mato antes, pra quando o rio vir pra cobrir, aí quando ele baixa a vazante, já fica limpinha. Aí você já vem plantando as coisas.

Como a Sra. Maria Ivaneide menciona, o plantio na época da seca no mês de abril, na região em que se encontra a comunidade de Nova Aparecida, permite que eles preparem a vazante para o plantio sem a utilização de produtos para acabar com o mato, garantindo assim que o solo não seja contaminado e conseqüentemente o rio São Francisco. Então, como aponta

a Imagem 8, após o período de cheias, o rio “*lava as ilhas [cobre as ilhas]*” (OLIVEIRA, , 2005, p. 71) e o solo já fica limpo para que o preparo e plantio seja feito.

Imagem 8 - Solo da vazante.



Fonte: Arquivo do pesquisador.

As ferramentas utilizadas pelos vazanteiros desempenham um papel fundamental no seu trabalho nas vazantes, e são resultado de um conhecimento prático e tradicional transmitido ao longo das gerações, adaptadas às condições específicas do ambiente de vazante. Para o trabalho agrícola nas vazantes, o Sr. Paulino aponta que os vazanteiros utilizam ferramentas como “[...] a foice, as vezes pra roçar, a enxada e a plantadeira para plantar”, permitindo o manejo das áreas de plantio e colheita em condições de solo úmido. A roçadeira a gasolina, chamada pelo Sr. Amadeu de “maquininha” é um exemplo de aprimoramento dessas ferramentas

Uma maquininha de roçar hoje em dia, que eu vou lá, se o mato estiver baixo, não vou incomodar ninguém. Vou lá comprar minha gasolina, eu mesmo vou lá sozinho. Eu tenho que pagar dois, três para fazer em um dia, eu vou lá sozinho e faço, entendeu? É uma forma até de diminuir o risco, a contaminação da terra com o veneno. Porque com a maquininha você roça e de repente, daqui a pouco, você volta lá, já dá mais uma agilizada com ela, e às vezes, dependendo da situação, você consegue até matar o mato sem usar um veneno. Por causa da forma dela cortar, aí sim, já dá aquela agilizada, o tempo é precioso.

Essas ferramentas são cuidadosamente escolhidas e desenvolvidas para se adequarem às características específicas do ambiente das vazantes, demonstrando a riqueza dos conhecimentos tradicionais dessas comunidades e a importância das ferramentas no desenvolvimento de suas atividades econômicas e na preservação do ecossistema local. Essa

roçadeira, como mostra a imagem 9, utilizada pelo Sr. Amadeu, surge como alternativa para acabar com o mato, sem o esforço causado pelas demais ferramentas, como foices e enxadas, e reduz a utilização de veneno, que geralmente é usado para agilizar o processo de limpeza das vazantes.

Imagem 9 - Sr. Amadeu utilizando a Roçadeira.



Fonte: Arquivo do pesquisador

Ainda sobre essa questão da utilização de veneno⁸, para acabar com o mato e combater pragas que vierem a surgir nas plantações (como uma espécie de besouro que eles chamam de “vaquinha”), a Sra. Maria Ivaneide e o Sr. Carlos Roberto comentam sobre os usos, riscos e alternativas para contornar essa situação na qual consideram prejudicial ao solo e ao rio.

Eu nunca aceitei bater veneno. O que a gente puder fazer de enxada, limpar, sabe? Destocar bonitinho para plantar sem bater veneno, aí sim. Mas com veneno eu acho que não dá certo, e também não é apropriado, porque já é uma planta que praticamente não tem praga. Sabe, não tem esses risco para a gente ficar preocupado em comprar veneno para bater porque está estragando. O único problema que dá é esses besourinho que é chamado de vaquinha igual o meu marido falou.

A utilização de pesticidas para combater pragas pode ser eficaz, porém é necessário considerar seus impactos negativos, como a contaminação do solo, da água e a morte de organismos benéficos. Azevedo e Monteiro (2006, p. 7) indica que,

⁸ O termo veneno, no contexto da agricultura, refere-se a substâncias químicas utilizadas com o intuito de controlar e combater pragas, doenças e ervas daninhas que afetam as plantações. Esses produtos, também conhecidos como agrotóxicos ou defensivos agrícolas, possuem propriedades tóxicas que visam eliminar ou reduzir a população de organismos considerados prejudiciais às culturas agrícolas.

para combatê-las, são usados agrotóxicos, como, inseticidas, fungicidas, entre outros. Estas substâncias, dependendo do princípio ativo, podem ter um efeito residual longo e entrar em contato com o lençol freático e outros cursos d'água contaminando-os, além de se infiltrar na cadeia trófica dos ecossistemas e, em última análise, contaminar o próprio homem. (AZEVEDO E MONTEIRO, 2006, p. 7).

Nesse sentido, os vazanteiros apresentam uma maneira de controlar as pragas sem causar danos ao solo, plantas ou água. O Sr. Paulino, comenta sobre a utilização de uma substância que não causa danos drásticos à natureza, e combate às pragas que surgem.

Não, usando veneno assim eu nunca vi usando, a não ser o remédio que bate assim para tacar... porque ele cheira, tem um cheiro forte para atacar, não ataca a água e o besourinho afasta, que é um tal de barragem, botox, é um trem assim que não é um veneno, é só para afastar os insetos.

Outra estratégia, apontada pela Sr. Maria Ivaneide consiste no uso de um fertilizante conhecido como Ouro Verde foliar,⁹ é utilizado de forma integrada e equilibrada, levando em consideração os impactos ambientais e a busca por uma produção agrícola mais sustentável e saudável.

[...] é o ouro verde que a gente compra. Ele não tem cheiro nenhum. Ele não é veneno. Ele é simplesmente um adubo pra planta, sabe? Você pode bater despreocupado e aí elimina esse tipo de bichinho que dá aquele... ele também é uma praga. Ele fura toda a folha do feijão, faz um estrago danado, então não pode deixar. Por isso que tem que ficar sempre prestando atenção, entrando no meio do feijão, olhando se tem alguma coisa furada aqui, acolá. Aí você já tem que providenciar, já bater. Se tiver duas, três folhas, você já tem que bater o foliar já, porque ele segura mais. A folha é resistente e aí a vaquinha não dá aquela praga, aí elimina ela.

A adubação se apresenta como outra prática na qual os vazanteiros buscam desenvolver de forma sustentável, sem prejudicar a natureza. Algumas substâncias presentes no solo desempenham papel importante na nutrição das plantas, da qual a concentração é influenciada pelas rochas que constituem o solo e por outros fatores. Em um ecossistema natural, as plantas conseguem se sustentar por meio da ciclagem desses nutrientes nos diferentes compartimentos do agroecossistema - ar, água, solo e planta - em um equilíbrio dinâmico. No entanto, a prática agrícola introduz alterações nesse sistema, como a remoção de nutrientes por meio da colheita, lixiviação e volatilização. Portanto, a suplementação de nutrientes se torna necessária, podendo ser realizada por meio de adubação orgânica ou inorgânica (mineral)" (MONTEIRO & AZEVEDO, 2006, p. 14). Importante destacar a prática da queimada e do desmatamento que são utilizadas na agricultura nas vazantes, e que podem ser prejudiciais a natureza. Matheus

⁹ O fertilizante foliar fornece nutrientes essenciais ao bom desenvolvimento de todos os tipos de folhagens, flores, hortaliças, verduras, frutíferas e gramados. Disponível em: <https://www.jardineiros.net/fertilizante-ouro-verde-liquido-100-ml#:~:text=Fornece%20nutrientes%20essenciais%20ao%20bom,%2C%20verduras%2C%20frut%C3%ADferas%20e%20gramados.>

(2020, p. 244) salienta que

O desmatamento reduz a biodiversidade, causa erosão dos solos, degrada áreas das bacias hidrográficas, libera gás carbônico para a atmosfera, reduz a umidade do ar, causa desequilíbrios social, econômico e ambiental. As consequências e os impactos do desmatamento são sentidos em nível planetário.

A preocupação em relação ao desmatamento e às queimadas nas vazantes é uma questão que tem despertado a atenção de alguns vazanteiros. Esses indivíduos, que dependem diretamente dos bens naturais presentes nessa região, reconhecem a importância das matas e dos ecossistemas ribeirinhos para a manutenção de suas práticas e modos de vida. O desmatamento e as queimadas representam ameaças significativas a esses ambientes, pois comprometem a biodiversidade, a qualidade do solo, a disponibilidade de água e a própria sustentabilidade das atividades desenvolvidas pelos vazanteiros. Nesse sentido, o Sr. Carlos Roberto e a Sra. Maria Ivaneide ressaltam a importância das matas ciliares para a estrutura das vazantes, como aponta a Imagem 10 abaixo, e para o rio São Francisco em geral, pois elas desempenham um papel fundamental para que o solo não sofra com a erosão, mantenha a umidade da terra e a biodiversidade deste local.

Outra coisa não desmatado os lateral das vazantes, porque a nossa mesmo, a gente não desmata, a nossa simplesmente é só o meio. A lateral dela é toda cheia de mato, porque a gente deixa pra segurar os barrancos e a umidade da água também, né? Então eu acho que seria uma preservação muito boa, porque além de conservar os peixes e também tem como a gente produzir mais coisas também ali sem tá, danificando a natureza.

Imagem 10 - Margem da vazante



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Em relação às queimadas, apesar de apresentarem características que podem ser prejudiciais ao meio ambiente, elas são necessárias na perspectiva do Sr. Amadeu. No entanto, ele destaca ainda que medidas de prevenção e proteção do ecossistema local podem ser adotadas.

Assim, cada um, cada um que tem sua consciência do que vai fazer, se quiser fazer uma repartição do fogo não pular para as demais [vazantes, sim. E se não, não, dependendo da época do ano, às vezes junta todo mundo e toca fogo, queima de uma vez, queima tudo. Por exemplo, limpa as ilhas de uma vez, toca fogo. Mais ali não é por causa de, como é que fala, por causa de não respeitar a preservação da natureza, é por causa que é obrigado ali. Ali naquela ilha que a gente trabalha e tem uns 18 a 20, fazendeiro que trabalha ali, quem é que vai aguentar fazer aquilo na mão se não usar o fogo, né? Quando a gente vai, que a gente não quer prejudicar ninguém, você vai lá, roça a sua parte, faz um aceiro, acha um dia que tenha menos vento para poder tocar fogo. Só que na vazante não tem problema nenhum. O problema é fora nas matas fora, né?

As queimadas são um tema controverso quando se trata da preservação da natureza, pois, embora sejam reconhecidas como prejudiciais devido aos impactos negativos na biodiversidade e na qualidade do ar, para os vazanteiros, essas práticas têm uma importância em seu trabalho nas vazantes, devido a dificuldades enfrentadas. A falta de mão de obra e limitações impostas pelas vazantes, que difere da agricultura fora do contexto de vazante e rio São Francisco, obrigam os vazanteiros a buscarem alternativas que demandem menos esforço, tendo em vista que geralmente cada vazanteiro possui sua própria vazante para cuidar, então a quantidade de pessoas trabalhado em uma área é bem pequeno e as vezes individual. No entanto, as queimadas podem ser realizadas de forma controlada, como aponta o Sr. Amadeu como uma prática para limpar as áreas de várzea, removendo vegetação indesejada para que o plantio seja realizado no lugar. Dessa forma, é possível conciliar as necessidades do trabalho nas vazantes com a preservação ambiental, garantindo a sustentabilidade desses ecossistemas tão importantes para os vazanteiros e para a natureza como um todo.

As queimadas são um tema controverso quando se trata da natureza, pois, embora sejam reconhecidas como prejudiciais devido aos impactos negativos na biodiversidade e na qualidade do ar, para os vazanteiros, essas práticas têm uma importância em seu trabalho nas vazantes, devido a dificuldades enfrentadas.

A falta de mão de obra e limitações impostas pelas vazantes, que difere da agricultura fora do contexto de vazante e rio São Francisco, obrigam os vazanteiros a buscarem alternativas que demandem menos esforço, tendo em vista que geralmente cada vazanteiro possui sua própria vazante para cuidar, então a quantidade de pessoas trabalhando em uma área é bem pequena e às vezes individual. No entanto, as queimadas podem ser realizadas de forma

controlada, como aponta o Sr. Amadeu, como uma prática para limpar as áreas de várzea, removendo vegetação indesejada para que o plantio seja realizado no lugar. Dessa forma, é possível conciliar as necessidades do trabalho nas vazantes com a preservação da natureza, garantindo a sustentabilidade desses ecossistemas tão importantes para os vazanteiros e para a natureza como um todo.

Esses são alguns dos conhecimentos e práticas de preservação da natureza do rio São Francisco observados nas práticas dos vazanteiros da comunidade de Nova Aparecida que participaram dessa pesquisa. Sobre os cultivos dos vazanteiros, o Sr. Carlos Roberto aponta que “plantamos mais é feijão, abóbora, maxixe, quiabo, melancias.” Ele aponta ainda que “a gente usa enxada pra capinar, usa a matraca, que se chama, a matraca pra plantar. E geralmente é isso, e quando vai [...]”

Conforme destacado por Pedrosa e Rodrigues (2019), as comunidades tradicionais estabelecem uma profunda relação com o vasto território em que habitam, sendo esse espaço essencial para sua autoidentificação e subsistência, onde educam suas crianças, adquirem e preservam sua cultura, moldando sua forma de pensar, agir e adquirir conhecimentos. O Sr. Paulino, por exemplo, comenta sobre como aprendeu a trabalhar nas vazantes, onde para ele “isso é muito simples. Eu nasci na roça, criado na roça. Então a gente não tem difícil para aprender trabalhar na vazante.” Dessa maneira, eles compartilham de uma herança cultural, que transcende aspectos materiais e engloba os valores, tradições e saberes que fortalecem a identidade das comunidades tradicionais. Nesse contexto, o Sr. Amadeu também comenta um pouco sobre como aprendeu a lidar com esse tipo de trabalho.

lá eu só dei continuidade porque eu aprendi trabalhar na lavoura desde criança. Dentro de oito anos que eu mexo dentro de lavoura trabalhando em roça né? É a mesma coisa. É uma roça normal, só que, por exemplo, se torna uma vazante, porque é uma ilha e o mesmo é o mesmo serviço do meio rural, do braçal, né?”

aprendi vendo os antepassados, os bisavôs, avós, pai, mãe. Tudo foi criado assim, foi criado e morreram nessa situação, no meio rural, lavoura, né? Nunca teve estudo, nunca teve igual eu que não tenho também. Mas hoje eu pelo menos eu tenho um raciocínio, uma mente mais aberta e eles não tinham estudo, não tinha a mente aberta, não tinha nada, só sabia trabalhar no meio rural. Foi onde é que os que teve boa vontade da família, quis aprender a profissão, conseguiu, né? E eu agradeço a Deus, porque tipo assim, a minha família era tudo analfabeto e eu também sou analfabeto até hoje, mas não arrepende do que sou não. E agradeço a Deus porque eles eram pelo menos trabalhador. Foi o que eu aprendi com eles.”

Para ele, o trabalho nas vazantes é semelhante ao trabalho rural, envolvendo atividades braçais. O aprendizado ocorreu principalmente por meio da observação de seus antepassados, como bisavós, avós, pai e mãe, que foram criados e viveram no meio rural, dedicando-se à

lavoura. O Sr. Amadeu destaca que sua família não teve acesso à educação formal, assim como ele também não teve, mas ele ressalta que, pelo menos, desenvolveu um raciocínio e uma mente mais aberta ao longo do tempo. Ele expressa gratidão a Deus e valoriza o fato de sua família ser composta por trabalhadores dedicados, mesmo que não tenham tido oportunidades de estudo. O Sr. Amadeu enfatiza que não se arrepende de ser analfabeto, pois aprendeu com seus antepassados o valor do trabalho e agradece a Deus por essa herança. O Sr. Amadeu menciona ainda que as técnicas utilizadas por ele são as mesmas das quais ele iniciou seu trajeto como vazanteiro há 11 anos atrás.

A mesma coisa que eu estou te expressando aqui. Todo ano é a mesma coisa. É igual você ir na panela no fogão, todo dia, fazer um almoço, fazer a janta. Você vai de manhã, você faz um café, você vai meio dia, faz um almoço, você vai de tarde, você faz o café, você vai de noite, faz a janta. Lá é do mesmo jeito você vai, nesse ano aqui, vai roçar, vai queimar, vai preparar, vai plantar, no ano que vem e volta fazendo o mesmo processo.

Entretanto, como ele também aponta, ele conseguiu pensar em técnicas positivas que aprimoraram seu trabalho nas vazantes ao longo dos anos, em relação ao que acontecia antigamente, dominando as técnicas de cultivo, manejo do solo e conservação dos recursos naturais nas vazantes, por ter uma mente mais aberta. Porém, ele destaca que algumas técnicas que surgiram com o passar do tempo são prejudiciais à natureza, como a utilização de veneno nas vazantes. Esse processo implica em algumas questões sofridas pelos vazanteiros e que serão discutidas mais à frente neste trabalho, mas em suma, as pressões sofridas pelos vazanteiros em relação aos avanços do capitalismo visando o lucro e a exploração da natureza, os deixam encurralados e sem alternativas. É o que se percebe a partir do relato do Sr. Amadeu.

Como é que, por exemplo, eu, no meu caso, eu trabalho com as minhas vazantes, você viu lá, eu sou sozinho. Vai chegar uma hora que eu vou ser obrigado a usar um agrotóxico porque eu não vou dar conta de limpar sozinho. A mão de obra de terceiros a gente não arruma pra ajudar. Dinheiro a gente não tem para pagar também quando tem alguém querendo. Então você tem que ir sozinho, mesmo sabendo que tá errado. Mas a gente é obrigado a fazer, porque senão a gente vai viver de quê, não é verdade? Vai viver de que?"

não tem pra onde correr. E assim, nós do meio rural pequeno, o trabalhador rural de baixa renda, as vezes a gente se vê obrigado porque os grandões não estão nem aí. O dinheiro hoje é que manda. Nós que vive aí no meio rural, aí lutando para amanhã, planta hoje para poder pensar no amanhã, comer alguma coisa. A gente tem que fazer isso. As vezes a gente se sujeita a fazer uma coisa errada, mas não é porque a gente tá sendo 100% errada. Então, obrigada. E os grandões que merecia ir lá e falar não está errado. Eu não vou fazer o que mais faz e sobra para quem? Os pequenos."

Suas histórias são exemplos concretos de como a experiência e a prática podem ser valiosas fontes de aprendizado e conhecimento, pois “os conhecimentos tradicionais se fundamentam sob uma reorganização produtiva e sustentável integrando as técnicas e práticas

agrícolas com os recursos naturais, promovendo baixo impacto no ecossistema local.” (PEDROSA & RODRIGUES, 2019, p. 12). Essas questões devem ser observadas mais de perto, para que, partindo da relação com o rio São Francisco, suas percepções, vivências e os saberes tradicionais sejam preservados, além de que suas visões sobre o que é preservar a natureza poderia contribuir no combate à destruição desses espaços e saberes, por meio políticas públicas de proteção aos vazanteiros e a rio São Francisco, como um dos agentes participantes desse processo de preservação, e não como o foco principal.

4.2. Relação com a natureza e percepção de preservação da natureza

A relação entre os vazanteiros e a natureza é intrínseca e profundamente enraizada em suas vidas e práticas cotidianas. Ao longo das gerações, esses indivíduos desenvolveram uma percepção aguçada das sutilezas da natureza ao seu redor, estabelecendo uma conexão íntima e respeitosa com a terra, a água, a flora e a fauna. Nesse contexto, surge a necessidade de compreender como os vazanteiros percebem as mudanças ocorridas em seu ambiente, como às condições climáticas, à disponibilidade de bens naturais. É importante também investigar como os vazanteiros interpretam e se adaptam às transformações que afetam seu modo de vida tradicional. Sobre a relação homem-natureza, Pedrosa e Rodrigues (2019, p. 3) salientam que

constitui-se a partir de uma visão sócio histórica, considerando as transformações dos contextos socioculturais e políticos vivenciados por estas populações. Nestas sociedades, o manejo e a gestão dos recursos naturais são realizados de forma diferenciada das sociedades urbanas industriais, inseridos no modo de produção capitalista, nas sociedades tradicionais estes são desenvolvidos de forma conjunta aos processos sociais, naturais e culturais de cada comunidade, promovendo uma indissociabilidade das diversas dimensões da vida cotidiana.

Nesse sentido, as relações entre o homem e a natureza são moldadas por fatores socioculturais e políticos, se transformando ao longo do tempo. Nas comunidades tradicionais, essas práticas estão intimamente ligadas aos processos sociais, naturais e culturais de cada comunidade, resultando em uma conexão emocional com a natureza, sentimento de pertencimento com a terra, o rio e o respeito e valorização da diversidade, criando uma identidade. Sobre esse processo de produção identitária, Rodrigues *et al.*, (2011, p. 9), indicam que

com relação às comunidades tradicionais no Brasil, em alguns casos a produção identitária emerge de uma vinculação espaço temporal e cultural com um território que muitas vezes incide numa Identidade étnica (indígenas, quilombolas, etc.), ou vinculada a um ecossistema específico, (geraizeiros, barranqueiros, veredeiros, etc.) ou mesmo a alguma atividades agroestrativistas (babaqueiros, seringueiros, quebradeiras de coco, etc.). (RODRIGUES; GUIMALHÃES & COSTA, p. 9, 2011)

Nesse sentido, essa relação íntima que as comunidades têm com o local onde vivem e desenvolvem suas práticas e tradições, significa que o espaço em que estão inseridas não é apenas um lugar físico, mas também carrega uma carga simbólica e histórica que está profundamente ligada à identidade e cultura dessas comunidades, as memórias, os costumes, as práticas de manejo dos bens naturais, as crenças e os saberes tradicionais transmitidos ao longo das gerações, são influenciadas pelo ambiente em que vivem. Essa conexão espaço-temporal e cultural com o território é essencial para entender a identidade e o modo de vida dessas comunidades, além da importância de preservar e valorizar seus territórios como patrimônio cultural e ambiental.

Os vazanteiros que participaram dessa pesquisa possuem essa conexão com a natureza, pois convivem há muito tempo com o rio São Francisco, ou seus antepassados viviam dessa prática, tirando seu sustento e de suas famílias, reconhecendo a importância do trabalho nas vazantes e desse espaço. É o que se nota a partir dos relatos da Sra. Maria Ivaneide.

Vish! A importância muito grande por que o rio para nós, que somos trabalhadores rurais, o rio se torna uma mãe para todos nós. Porque o Rio e dá muita coisa para nós. Então é muito importante. Já pensou? Você não coloca nenhum peixe lá. Você não leva nenhuma ração pra nenhum, né? Então você tem quatro meses, que é a pesca fecha. A época que o peixe desova você já não vai lá pegar porque ele vai produzir mais. Então, quando passa aqueles quatro meses você já pode ir, porque a pesca já tá liberada. Você vai lá, se pega peixe do seu jeito, tudo do gosto que quer. Então é uma coisa muito boa e é muito importante na vida de praticamente de todo mundo daqui do município.

O relato demonstra a importância do rio na vida dos vazanteiros, sendo comparado a uma figura materna que oferece sustento. O rio desempenha um papel central na subsistência de comunidades tradicionais, fornecendo peixes e outros alimentos essenciais para a sua sobrevivência. Eles têm consciência da necessidade de preservar e respeitar o ciclo natural do rio, por exemplo, durante a época de reprodução dos peixes, quando a pesca é proibida para permitir que a população de peixes se regenere. Essa fala ressalta a importância da preservação e do equilíbrio entre a atividade humana e a natureza, para garantir que os bens naturais sejam sustentáveis e continuem a beneficiar as gerações futuras. O relato do Sr. Amadeu ressalta a importância do trabalho na roça como uma tradição familiar enraizada.

Moço, é o seguinte, a importância desse trabalho. Porque é uma coisa que veio, que vem da minha família, né? É igual eu falei, é uma roça normal, a importância é que eu estou plantando uma roça, eu estou plantando uma coisa que eu estou tirando o meu sustento dali. O meu alimento dali melhor dizendo, não é nem o meu sustento, o meu alimento. Entendeu? Eu não vou dizer que eu não tiro meu sustento, que às vezes, quando eu colho alguma coisa e colho um pouquinho a mais, eu saio vendo e tal, pra comprar as coisas que falta dentro da despensa. Mas na realidade é meu alimento, eu tiro dali. Eu evito de comprar muita coisa porque eu planto. Entendeu?

Fica evidente, portanto, que cultivar a terra e colher os alimentos é fundamental para sua subsistência, pois é dali que ele obtém seu sustento, principalmente seu alimento. O ato de plantar e colher na própria roça permite que ele evite comprar muitos alimentos, pois consegue suprir suas necessidades através do que cultiva. O Sr. Amadeu reconhece que sua produção na roça também lhe proporciona uma renda extra, que pode ser utilizada para adquirir outros itens necessários em sua despensa. Esse relato ilustra a ligação profunda entre o trabalho na roça, a subsistência, a autonomia alimentar e o senso de responsabilidade que o Sr. Amadeu possui em relação à sua atividade agrícola.

O Sr. Paulino também compartilha desse pensamento, sobre a importância dessa prática. “É muito importante, porque eu não trabalho assim fora mais. E na vazante eu tenho... a gente sempre apanha uma abóbora, apanha um quiabo, apanha as vezes, uma melancia. De tudo que você planta dá, nem que for mais pouco, mas dá. Um feijão, né?”. Ele ainda acrescenta: “[...] eu sei que ali é um lugar... É da natureza, a natureza mesmo, então é um lugar que você precisa dele a todo momento. Você precisa da água do Rio São Francisco, então você não é quem você precisa da água. Você não pode jogar sujeira, não é? Eu acho que não.”

Portanto, essa relação demonstra a importância do rio para os vazanteiros, o que evidencia também a sua percepção e valorização da preservação da natureza. Como mencionado anteriormente, o rio desempenha um papel fundamental na subsistência e na identidade dessas comunidades, fornecendo bens naturais essenciais para a sua sobrevivência. Através dessa conexão íntima com o ambiente, os vazanteiros desenvolvem uma percepção da importância de preservar e conservar esse espaço, garantindo sua disponibilidade futuramente. Os relatos a seguir dos vazanteiros mostram essa sua percepção do que é preservar o meio ambiente. O Sr. Paulino comenta que preservar a natureza para ele “é não cultivar na beira do rio, não desmatar. Não bater veneno na ilha que prejudica a água.” A Sra. Maria Ivaneide e o Sr. Carlos Roberto também possuem uma visão e pensamento bem semelhantes, onde ela aponta que

preservar a natureza pra mim é a gente não jogar nada de garrafa dentro do rio, nada de sujeira. Igual o que nós faz, a gente limpa, capina tudo, então a gente não joga aquele entulho para dentro da água, a gente junta em cima da vazante mesmo e queima, porque aquilo ali serve como adubo. Outra coisa as árvores grandes que tem, a gente não corta, porque ela serve de uma sombra natural, sabe? Não só para a gente, mais pro visitante que vai né? Então a gente deixa a gente não corto. E outra coisa, a gente não usa nada de agrotóxico na terra. Porque se a gente for usar tudo isso aí a gente vai estar matando os peixes que a gente se alimenta deles. Então é uma preservação que a gente tem que ter muito cuidado, né? Então a gente não faz nada disso, pra preservar a natureza.

nós mesmo, como a gente já tem o costume de, já tem vários anos que a gente mexe

e a gente preocupa com isso muito. Então a gente não usa muito a questão de veneno em questão de veneno, questão de ir tudo, da água, sabe? A gente não joga. Então, a preocupação nossa mais é isso, porque se você for igual, lá tem mais de dez pessoas. Se todo mundo usar veneno ou for praticamente tudo que for fazer foi jogar para dentro do rio. Daqui um dia a gente não tem, não tem água suficiente que dá para plantar e muito menos para fazer nada, porque aí vai só cada vez prejudicando mais. A gente vai perdendo o Rio daqui a pouco não tem mais como plantar, né? Porque não tem nem como ir, aí já tá seco demais, né? Então acaba prejudicando. Então eu acho que a preocupação nossa mais é essa, porque eu acho que não deveria jogar nada e também não mexer com veneno

eu penso que tem que ter mais cuidado, zelar, porque é onde a gente tira uma fonte de renda. Só de falar assim nós vamos por rio, amanhã nós vamos fazer isso. A gente vai sabendo que a gente vai trazer, né? Então, eu acho que é uma coisa que a gente tem que ter muito cuidado, sabe? Você vê alguém fazendo alguma coisa errada ou não faz isso? Não, isso é ruim. Não é ruim só para você, é ruim para você que está fazendo e pra nós também que vive. A gente vive do Rio, né? Então, eu acho que a preocupação da gente, é essa. Porque tem que se preservar mais um pouco a natureza.

Segundo Diegues (2000), é importante envolver as populações tradicionais na pesquisa para a conservação como co-pesquisadores e treinar uma nova geração de pessoas de várias culturas para iniciar estudos junto de seus próprios povos. O autor argumenta que a incorporação real das comunidades na conservação não pode ser feita considerando os nativos como parceiros juniores e inferiores, utilizando-os exclusivamente como guarda-parques. Ele destaca que a criação de guarda-parque local, isolada de outras medidas de melhoria das condições de vida e renda da comunidade, pode levar a ressentimentos e desorganização do sistema de produção local. Diegues afirma que, nas estratégias de conservação, essas populações devem ser ouvidas e também devem ter poder deliberativo nos órgãos de decisão, o que raramente acontece em países como o nosso. O Sr. Paulino apresenta ainda sua opinião sobre os danos causados ao rio São Francisco e a natureza, e os cuidados que devemos ter ao lidar com esse espaço

eu não acho nada certo isso. A natureza é a natureza. Você tem que respeitar a natureza, não é? Então, eu não acho nada certo. As vezes pegar coisas, lixo, jogar no Rio e pegar... qualquer coisa e jogar na água e jogar entulho. Eu não acho que tem que tá certo, porque tem que fazer... Se você viu uma sujeira, o que você poder fazer e limpar, não sujar mais, não tá certo?

Nesse sentido, de acordo com os relatos acima, não é apenas uma preocupação com suas produções, mas uma necessidade de continuidade de sua forma de vida e das gerações futuras. Dessa forma, a valorização do rio e a percepção de preservação da natureza ligadas, formam uma base para a adoção de práticas sustentáveis e a busca por um equilíbrio harmonioso entre a comunidade e o ambiente em que vivem, através de seus conhecimentos e práticas.

O Sr. Amadeu apresenta uma discussão muito importante sobre ter consciência do que é preservar a natureza, e buscar ações para que ele consiga manter-se com seu trabalho nas

vazantes sem prejudicar a natureza, ele se preocupa com a possibilidade de acabar cedendo às práticas que são prejudiciais a natureza para que ele consiga continuar trabalhando, pois ele realiza suas atividades na vazante de forma individual e nem sempre consegue lidar com a quantidade de trabalho.

preservar a natureza é veneno que não é pra usar, fogo, né? E não é correto tá usando, desmatção. também não é correto tá usando, mas quem vive sem isso? Como é que, por exemplo, eu, no meu caso, eu trabalho com as minhas vazantes, você viu lá, eu sou sozinho. Vai chegar uma hora que eu vou ser obrigado a usar um agrotóxico porque eu não vou dar conta de limpar sozinho. A mão de obra de terceiros a gente não arruma pra ajudar. Dinheiro a gente não tem para pagar também quando tem alguém querendo. Então você tem que ir sozinho, mesmo sabendo que tá errado. Mas a gente é obrigado a fazer, porque senão a gente vai viver de quê, não é verdade? Vai viver de quê? A gente que vive do meio rural, a gente faz muita coisa errada, eu sei que faz, mas a gente tem hora que a gente é obrigado a fazer. Então, obrigado. Não é o que a gente quer fazer.

Nesse sentido, o Sr. Amadeu sente que esse trabalho individualizado¹⁰ acaba por pressioná-lo a adotar medidas que possam ser prejudiciais a natureza, pois, como mencionado, ele não possui parentes para auxiliá-lo nessa prática, ou condições financeiras para contratar pessoas para trabalhar com ele, tendo em vista que os demais vazanteiros já possuem as suas terras nas vazantes para cuidar.

A atuação dos vazanteiros no rio São Francisco, através de suas práticas que carregam a compreensão sobre a importância em garantir a continuidade dos bens naturais como a água, solo, espécies de plantas e animais que compõem esse espaço, é permeada por diversas questões, dentre elas desafios, como a pressão causada aos povos e comunidades tradicionais pelo avanço da exploração da natureza, que ameaçam a permanência desses sujeitos em seus ambientes. Essa pressão ocorre devido a questões que estão interligadas entre si, como a exploração da natureza de forma descontrolada, que visa somente o lucro, e gera mudanças climáticas e destruição da natureza.

Essas mudanças têm o potencial de desencadear efeitos devastadores, como a destruição das áreas de vazantes. O assoreamento do rio, resultado direto da devastação das matas ciliares, emerge como uma ameaça real, transformando esse espaço em terrenos inadequados para a prática da agricultura familiar. Para os vazanteiros, cujas vidas e subsistência estão intrinsecamente ligadas à agricultura, esse cenário representa uma séria preocupação. A vitalidade de suas práticas, por extensão, de suas comunidades, está ameaçada pela rápida

¹⁰ Apesar de demonstrar uma importante visão acerca da prática vazanteira, o trabalho individualizado não é algo que acontecesse em todos os casos envolvidos na pesquisa. O Sr. Amadeu e o Sr. Paulino realizam suas atividades diversas vezes sozinhos, por já viverem só, porém a Sra. Maria Ivaneide e o Sr. Carlos Roberto realizam suas atividades em conjunto e já contaram com a participação de seus filhos.

deterioração desses ambientes naturais essenciais. Oliveira (2005, p. 10) destaca que

A construção de barragens para produção de energia elétrica ao longo do São Francisco, a partir da década de 1950, começa a promover uma alteração drástica no ciclo do rio, com grandes impactos para as populações vazanteiras. Soma-se a isto, como conseqüências do crescimento industrial e da expansão do modelo da agricultura moderna, o desmatamento, assoreamento, poluição e uso irracional da água nos projetos de irrigação.

Essas questões estão presentes no cotidiano dos vazanteiros da comunidade de Nova Aparecida, onde eles têm observado transformações no rio São Francisco que vem acontecendo em função dos impactos da exploração do rio, como a diminuição no nível da água, a redução da vegetação às margens do rio, e perda da qualidade da água. O Sr. Carlos Roberto, por exemplo, relata sobre esses impactos: “hoje, se atravessar o rio, tem lugar ali que ele está dando 70 centímetros de fundura, só a areia. O rio tá acabando.”

Outra importante questão é a comparação entre a ação dos vazanteiros e dos “grandes” feita pelo Sr. Amadeu para evidenciar os interesses de cada um, e sobre a forma como eles utilizam o rio São Francisco.

Olha em vista dos caras grandes, nem prejudicar eu prejudico, eu não tenho uma terra, eu não tenho uma fazenda. Eu não tenho dez, vinte mil alqueires de terra. Eu não tenho um alqueire de terra, eu não tenho um hectare de terra. Eu tenho o meu hectare na ilha. Se eu tocar fogo nela, eu vou queimar a ilha inteira, mas ninguém vai vir me falar nada, porque ali, é de todo mundo, todo mundo depende disso. Depende de limpar pra poder tocar o serviço. Agora, eu na frente de um grande eu sou o que? Uma gota d'água dentro do oceano? Eu sou simplesmente isso, um grãozinho de areia na frente do grande. Aqui na região tem cara aí que tem vários hectares de terra produzindo e a produz através de quê? Produz através de agrotóxicos, do veneno. Você não vê ninguém lá com a enxada limpando coisa nenhuma. Você vê o cara lá e veneno toda hora, todo mês é veneno pra matar o mato é veneno pra preparar a terra, veneno pra nascer, veneno pra crescer, veneno pra secar, pra colher, é tudo na base do veneno. E nós não, quando nós plantamos, nós espera a data planta florar, e dá o fruto e a gente espera até a época dela amadurecer. A gente sabe o que está fazendo ali. Aí essa é a parte que a gente sai no lucro, no meio deles, porque eles quando eles fazem, eles já vêm direto com os produtos químicos deles, pode fazer a semente chegar rápido. Não é o caso nosso.

Essa fala se junta à crítica feita pelo Sr. Amadeu sobre a extração de areia, discutida anteriormente, em que os vazanteiros, ou pessoas que tiram seu sustento do rio São Francisco, são questionados quando utilizam de técnicas que podem causar algum dano à natureza, porém de forma consciente e pelas necessidades, enquanto “os grandes” continuam a explorar sem se importar com os dados que isso pode causar.

Esse relato demonstra também a preocupação do Sr. Amadeu sobre a forma como o rio vem sendo explorado, sobretudo com a utilização da água na agricultura por grandes fazendeiros às margens do rio São Francisco. Isso, na sua visão, tem prejudicado o rio, sendo esses fazendeiros um dos principais causadores da destruição do rio São Francisco. Cunha

(2005, p. 22) aponta que “um pressuposto fundamental da ecologia política é o de que o poder circula entre diferentes grupos sociais, recursos e espaços e, assim, molda o ambiente em que ocorrem a ação e a interação entre seres humanos.” Ou seja, isso ocorre muito em função do poder econômico que pode influenciar as medidas de combate a essa degradação do rio São Francisco.

Sua crítica se estende também a respeito da forma como as pessoas que ele denomina de “os grandes” lidam com a natureza, através de uma relação de exploração que vem causando, além de impactos ambientais, a pressão anteriormente mencionada sobre vazanteiros, gerando um sentimento de impotência diante dessa situação.

Eu, pelo menos eu não posso fazer nada porque, os que podem fazer algo, não faz. Por exemplo, o menino tira a areia ali, ele tira a areia ali na mão. Não é numa máquina, não é nada. Ele está tirando a areia. Ele não está jogando a areia dentro, ele tá limpando o rio e mesmo fazendo isso, o pessoal ainda vem e fala pra poder parar. Vai fazer o quê? Fazer nada, porque se ele estivesse tirando a máquina, os grandes lá tirando na máquina, tira lá e tira toneladas e toneladas de areia, em um dia. Ele vai ali, tira quatro, cinco, seis metros de areia na mão ali para poder sobreviver disso. Mas ainda tem uns grandes que vêm pegar no pé dele, vêm barrar ele por causa disso. Ai eu vou fazer o que? Ele vai fazer o quê? Nada. A gente na vista dos grandes não é nada.

A fala do Sr. Amadeu destaca a situação em que pequenos trabalhadores enfrentam dificuldades para realizar suas atividades de subsistência. Na sua perspectiva, há uma enorme diferença entre as ações individuais e as práticas de grandes empresas ou empreendimentos que têm um impacto muito maior na natureza. Seu questionamento é, portanto, em relação aos esforços dos pequenos produtores, que são questionados e restringidos, enquanto os grandes causadores de impacto passam despercebidos. Sua fala ressalta a importância de se fiscalizar não somente os pequenos, mas também os grandes produtores, que na visão do Sr. Amadeu, são os principais causadores da destruição da natureza.

A situação descrita é um reflexo da falta de equidade e justiça que permeia muitas abordagens às questões ambientais. Revela uma realidade onde os mais vulneráveis são sobrecarregados e marginalizados, enquanto os poderosos continuam com seu modelo de exploração insustentável. Essa disparidade na distribuição dos impactos ambientais destaca a urgência de reavaliar nossas políticas e práticas, buscando uma abordagem mais justa e inclusiva para enfrentar os desafios ambientais. É imperativo reconhecer a interconexão entre equidade social e saúde ambiental, trabalhando arduamente para garantir que todas as comunidades, independentemente de sua posição socioeconômica, tenham acesso a um ambiente seguro e saudável. Somente através da criação de políticas mais justas e da promoção da igualdade é que podemos esperar construir um futuro verdadeiramente sustentável para

todos.

De acordo com Porto-Gonçalves (2012), as questões ambientais estão se tornando cada vez mais urbanas, relacionadas não apenas ao meio rural, mas também às problemáticas urbanas. Isso se manifesta nas mudanças climáticas, como chuvas torrenciais, secas rigorosas e incêndios de grandes proporções, que afetam tanto a vida na cidade quanto no campo. Além disso, a qualidade dos alimentos e das águas e a questão agrária são aspectos que envolvem a dimensão política e técnica da problemática ambiental. O crescimento acelerado das cidades também contribui para dificuldades ambientais, principalmente para as populações de baixa renda que vivem em áreas íngremes, fundos de vales alagáveis ou manguezais.

Portanto, um olhar mais aprofundado sobre essas comunidades tradicionais é essencial para que a temática ambiental ganhe novo foco, atendendo às especificidades desses povos, como no caso dos vazanteiros, proporcionando apoio a eles, por meio de políticas públicas. Diegues (2000, p. 38) aponta que

Alguns consideram que as culturas e os saberes tradicionais podem contribuir para a manutenção da biodiversidade dos ecossistemas. Em numerosas situações, na verdade, esses saberes são o resultado de uma co-evolução entre as sociedades e seus ambientes naturais, o que permitiu a conservação de um equilíbrio entre ambos.

Fica evidente a importância da relação entre vazanteiros os vazanteiros e o rio São Francisco como um dos fatores essenciais na preservação da natureza. Os vazanteiros têm uma relação íntima com o ambiente em que vivem, compreendendo a necessidade de preservar os bens naturais para garantir sua subsistência e qualidade de vida. Eles buscam utilizar práticas de manejo e gestão dos espaços que são fundamentais para a manutenção dos ecossistemas locais. Por exemplo, eles evitam o uso de agrotóxicos, conscientes de que esses produtos podem contaminar a água e prejudicar a fauna aquática, incluindo os peixes, que são fonte de alimento para eles.

A conexão entre os vazanteiros e o rio permite que eles observem as transformações que ocorrem nesse espaço, como alteração no fluxo e nível da água, a exploração econômica, como o desmatamento que causa a degradação do rio. A partir disso, eles desenvolveram e aprimoraram suas práticas buscando que tais impactos fossem reduzidos. Ao analisarmos esses conhecimentos e práticas dos vazanteiros, os organizamos conforme a tabela a seguir, sistematizando o levantamento produzido pela pesquisa.

Tabela 1 - Conhecimentos e práticas de preservação da natureza dos vazanteiros.

Conhecimentos e práticas	Descrição
Esperar o rio “lavar as ilhas”	Plantio nas vazantes após a época de cheia do rio, pois ele “lava as ilhas” limpando o solo, sem a utilização de produtos para acabar com mato.
Uso de fertilizantes na dosagem correta	De acordo com os vazanteiros, o uso do fertilizante foliar na dosagem correta não prejudica a natureza e combate pragas.
Ferramentas mais eficientes	Utilização de ferramentas como roçadeira a gasolina para limpar a vazante de forma eficiente, em menos tempo, e sem utilizar produtos para acabar com o mato.
Manter a vegetação nas margens da vazante	Manter a vegetação das margens da vazante para reter umidade e garantir a integridade do solo.
Criação de aceiro para queimadas	Criação de aceiro, medida de contenção para que o fogo não se espalhe para outras áreas.

Fonte: Dados da pesquisa

A tabela apresenta uma síntese de conhecimentos e técnicas utilizados pelos vazanteiros fundamentais para a manutenção e cuidado do ecossistema da vazante. Um dos principais aspectos destacados é a estratégia de aguardar o momento em que o rio "lava as ilhas", ou seja, esperar a época de cheia para realizar o plantio nas vazantes, aproveitando a limpeza natural do solo sem a necessidade de utilizar produtos para controle de plantas daninhas. Além disso, os vazanteiros enfatizam a importância de utilizar fertilizantes na dosagem correta, de forma a não prejudicar a natureza e combater pragas. A utilização de ferramentas mais eficientes, como a roçadeira a gasolina, é destacada como uma maneira de realizar a limpeza da vazante de forma rápida e eficiente, sem a necessidade de utilizar produtos químicos para eliminar o mato. A manutenção da vegetação nas margens da vazante é ressaltada como uma prática importante para reter a umidade e preservar a integridade do solo. Além disso, a criação de aceiros, uma medida de contenção para prevenir a propagação de queimadas para outras áreas, também é mencionada como uma técnica adotada pelos vazanteiros.

Essas estratégias e conhecimentos tradicionais demonstram a sabedoria dos vazanteiros em relação ao manejo sustentável do ambiente, evidenciando a importância de valorizar esses saberes ancestrais para a preservação da natureza.

Tabela 2 - Relação dos vazanteiros com a natureza.

Relação com a natureza	Descrição
Conexão emocional	Conexão emocional com a natureza, através de vivências no rio São Francisco desde a infância com suas famílias, até os dias atuais
Valorização dos bens naturais	O rio São Francisco é visto como uma figura materna, onde os vazanteiros pescam e colhem alimentos para subsistência.
Desafios enfrentados	Ao realizar atividades individualmente, surge a dificuldade em lidar com a carga de trabalho.
	Pressão causada pela exploração do rio, onde a degradação ameaça a prática vazanteira.
Percepção de mudanças	Redução no fluxo e nível da água.
	Aumento do desmatamento
Visão de futuro e sustentabilidade	Caso a exploração do rio continue nesse ritmo, não haverá mais rio São Francisco.
	Consciência sobre os riscos da utilização de práticas como queimadas, utilização de agrotóxicos e desmatamento

Fonte: Dados da pesquisa.

É importante destacar que devemos considerar que as populações tradicionais não são os únicos agentes envolvidos na tarefa da conservação. Outros sujeitos, como os grupos urbanos e agricultores comerciais, também devem ser levados em conta. No entanto, é importante reconhecer que as comunidades tradicionais podem desempenhar um papel fundamental nesse processo, embora isso não signifique adotar uma visão romântica que as retratam como conservacionistas naturais (DIEGUES, p. 41).

Dessa forma, reconhecer e valorizar o papel dos vazanteiros na preservação da natureza é essencial para garantir a sustentabilidade e o equilíbrio dos ecossistemas, bem como para promover a valorização das comunidades tradicionais e de seus conhecimentos ancestrais

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim dessa pesquisa, foi possível analisar um pouco a prática nas vazanteiras buscando compreender suas relações com o rio São Francisco, interpretando a percepção dos vazanteiros da comunidade de Nova Aparecida sobre preservação da natureza como parte constitutiva de suas práticas e ações. Surgiram questões importantes a partir das entrevistas e uma visita realizadas. Seus conhecimentos e práticas carregam preocupação com a natureza e dizem muito sobre suas relações com o rio e a forma como eles pensam e agem perante seus territórios.

Em cada etapa do trabalho pudemos compreender um pouco mais sobre essa relação. Diante disso, identificamos alguns pontos entre a relação entre os vazanteiros da comunidade de Nova Aparecida no município de Icaraí de Minas – MG com o rio São Francisco.

Os dados apresentados anteriormente revelam aspectos importantes relacionados à conexão emocional dos vazanteiros com a natureza e, em particular, com o rio São Francisco. Desde a infância, essas comunidades têm vivenciado experiências significativas no rio, compartilhando momentos com suas famílias e estabelecendo uma forte conexão emocional com esse ambiente. O rio São Francisco é percebido como uma figura materna, sendo fonte de sustento por meio da pesca e da coleta de alimentos essenciais para sua subsistência. Essa valorização dos bens naturais demonstra a importância que o rio possui para a vida dos vazanteiros e a sua compreensão dos recursos disponíveis nesse ecossistema.

No entanto, essas comunidades também enfrentam desafios significativos. Ao realizar suas atividades de maneira individual, os vazanteiros se deparam com a dificuldade de lidar com a quantidade de trabalho exigida. Além disso, a pressão causada pela exploração do rio por terceiros representa uma ameaça direta à prática vazanteira. A degradação ambiental compromete a sustentabilidade do rio e coloca em risco as atividades tradicionais dos vazanteiros.

A percepção das mudanças ambientais também é evidente. Os vazanteiros relatam uma redução no fluxo e no nível da água do rio São Francisco, o que tem impactos diretos em suas atividades e em seu modo de vida. Além disso, o aumento do desmatamento na região é percebido como uma transformação negativa do ambiente, comprometendo a biodiversidade e os recursos disponíveis para os vazanteiros.

Diante desses desafios e mudanças, os vazanteiros têm uma visão de futuro preocupada com a sustentabilidade do rio São Francisco. Eles reconhecem que, se a exploração atual do rio continuar nesse ritmo, poderá não haver mais rio São Francisco no futuro. Existe uma consciência crescente dos riscos associados a práticas prejudiciais, como queimadas, utilização

de agrotóxicos e desmatamento, e a necessidade de adotar abordagens mais sustentáveis para garantir a preservação desse importante ambiente.

Esses dados revelam a percepção dos vazanteiros sobre os desafios e ameaças enfrentados, bem como sua preocupação com a preservação do rio São Francisco. Essa consciência e visão de futuro sustentável são fundamentais para a continuidade das práticas tradicionais e para a busca de soluções que garantam a conservação desse valioso bem natural.

Por fim, reconhecemos que algumas questões poderiam ter sido melhor exploradas por essa pesquisa, como observar mais de perto a prática vazanteira, pois existem questões que só emergem a partir do contato direto com o ambiente das vazantes. Outras discussões acerca da relação entre povos e comunidades tradicionais e a natureza também poderiam ser aprofundadas.

No entanto, isso abre a possibilidade dessas questões serem investigadas futuramente como continuidade dessa pesquisa, ou novas pesquisas a partir da prática vazanteira. A visão dos vazanteiros sobre preservação da natureza pode contribuir também para a questão ambiental, de manutenção dos ecossistemas, pois se trata de uma visão de quem está diretamente ligado à natureza e tem muito a dizer. Importante ressaltar que, no entendimento desse trabalho, eles devem ser participantes das decisões políticas sobre o rio e seus territórios e não, como muitos o fazem, responsabilizados local e isoladamente pela preservação da natureza, pois os vazanteiros também são pressionados a utilizarem práticas que são prejudiciais a natureza.

Essa pesquisa pode ajudar também para que as pessoas da minha comunidade, especialmente aos jovens, valorizem a nossa cultura, e saiba da importância do rio São Francisco e dos povos que vivem dele, não só para nós, mas para o meio ambiente no geral, pois conscientizando as pessoas sobre a preservação desse espaço, todo o ecossistema será mantido, desde os peixes e outros animais que dependem do rio para sobreviver, a água e vegetação e a rica cultura que se desenvolveu, por exemplo, a pesca artesanal e a prática nas vazantes. As pessoas poderão através dessa pesquisa compreender melhor essas questões que envolvem a preservação do rio São Francisco através das práticas dos vazanteiros, para que assim eles se engajem e continuem essa importante ação. Os alunos da comunidade terão mais materiais para pesquisarem sobre o rio, o que contribuirá para seu aprendizado, reforçando a contribuição citada anteriormente, em relação a manutenção desse ambiente e da nossa cultura.

Essa pesquisa é importante também para nós sujeitos do campo, onde as discussões sobre povos e comunidades tradicionais, com seus saberes e práticas precisam estar nas escolas do campo, para que os alunos compreendam o espaço em que vivem, o rio São Francisco que é

um dos grandes destaques da nossa região. Pensar a Educação do Campo, para desenvolver práticas pedagógicas com os saberes tradicionais, contribuiria para a construção de uma educação ambiental a partir das práticas vazanteiras por exemplo, com as especificidades que o campo, além de propor o debate a cerca do acesso e direito a terra, que é algo que os vazanteiros lidam diariamente

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Andréa Aguiar; MONTEIRO, José Luiz Gomes. **Análise dos Impactos Ambientais da Atividade Agropecuária no Cerrado e suas inter-relações com os Recursos Hídricos na Região do Pantanal.** Disponível em: <https://wwfbrnew.awsassets.panda.org/downloads/wwf_brasil_impactos_atividade_agropecuaria_cerrado_pantanal.pdf> . Acesso em: 01 de Jul.2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo, Persona, 1979.

BRASIL. **Drecreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007.** Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Diário Oficial da União, Brasília, 7 nov. 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm> . Acesso em: 01 de Jul.2023.

BRASIL. **Lei Nº 11.326, de 24 de julho de 2006.** Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Diário Oficial da União, Brasília, 24 jul. 2006. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11326.htm>

CARVALHO, Fábria Ribeiro Carvalho de; LELIS, Acácia Gardênia Santos. **Conhecimento Tradicional: saberes que transcendem o conhecimento científico.** 2014. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=44b4596c7a979aa7>. Acesso em: 01 de nov. 2022.

CUNHA, Luiz Henrique. **Da "tragédia dos comuns" à ecologia política: perspectivas analíticas para o manejo comunitário dos recursos naturais.** In. Raízes, São Paulo, v. 23, n. 01 e 02, p. 10-26, 2004. Disponível em: https://pdfdocumento.com/raizes-ufcg_59f5acdf1723ddfe949e9d19.html. Acesso em: 28 de março de 2023.

DIEGUES, Antônio Carlos; ARRUDA, Rinaldo S.V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil.** Brasília, Ministério de Meio Ambiente, 2000. Disponível em:<<http://www.livroaberto.ibict.br/bitstream/1/750/2/Biodiversidade%20e%20comunidades%20tradicionais%20no%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 01 de Jul.2023.

DIEGUES, Antônio Carlos; MOREIRA, André de Cartro C. (orgs.). **Espaços e Recursos Naturais de Uso Comum.** São Paulo: NUPAUB-USP, 2001.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População de Icarai de Minas.** Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/icarai-de-minas/panorama>>. Acesso em: 01 de Jul.2023

LITTLE, Paul. **Territorios sociais e povos tradicionaisno brasil:** por uma antropologia daterritorialidade. In. Anuário Antropólogo/2002-2003. Rio de Janeiro, 251-290, 2004. Disponível em: < <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6871/7327>>. Acesso em: 24 de maio de 2023.

MATHEUS, Ana Carolina Couto. **As dimensões da sustentabilidade dos conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade amazônica.** In. Revista Videre, v. 12, n. 24, p. 237–

254, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.30612/videre.v12i24.11346>> . Acesso em: 20 jun. 2023.

MELLO, Livia Coelho de; RIGOLIN, Camila Carneiro Dias. **O conhecimento tradicional na perspectiva da ciência brasileira**: um estudo de teses e dissertações. In: XIII ENANCIB, 2012. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/182298>. Acesso em 15 de novembro de 2022.

MINAYO, Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, metodo e criatividade**. Revista Pesquisa Social. Petrópolis, ed. 26°. 2007.

OLIVEIRA, Cláudia Luz de. **Vazanteiros do rio São Francisco**: um estudo sobre populações tradicionais e territorialidade no Norte de Minas Gerais. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

PEDROSA, Evelyn Barroso; RODRIGUES, Débora Cristina Bandeira. **Sustentabilidade e conhecimentos tradicionais**: políticas públicas para conservação em comunidades ribeirinhas na Amazônia. In. 7º Encontro Internacional de Política Social e 14º Encontro Nacional de Política Socias. Espírito Santo, 2019.

PEREIRA, Bárbara Elisa; DIEGUES, Antônio Carlos. **Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza**: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. In. Desenvolvimento e Meio Ambiente. n. 22, p. 37-50, 2010. Disponível em < <https://revistas.ufpr.br/made/article/download/16054/13504>>. Acesso em: 11 de março de 2023.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A ecologia política na América Latina**: reapropriação social da natureza e reinvenção dos territórios. In. Revista Interdisciplinar Internacional INTERthesis. Florianópolis, v. 9, n. 1, 16-50, 2012. Disponível em: < <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2012v9n1p16>>. Acesso em: 17 de março de 2023.

QUEIROZ, Fernando Soares de. **Descrevendo matematicamente práticas presentes na plantação de vazantes do rio São Francisco na comunidade de Nova Aparecida (Icaraí de Minas, MG)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo, Habilitação em Matemática.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

RODRIGUES, Leila Ribeiro; Guimarães, Felipe Flávio Fonseca; Costa, João Batista de Almeida. **Comunidades Tradicionais**: sujeitos de direito entre o desenvolvimento e a sustentabilidade. In. I Circuito de Debates Acadêmicos, 2011. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area1/area1-artigo13.pdf>>. Acesso em: 01 de Jul.2023.

SANTOS, Jaqueline Guimarães; CÂNDIDO, Gesinaldo Ataíde. **Sustentabilidade e Agricultura Familiar**: um estudo de caso em uma associação de agricultores rurais. In. Revista de Gestão Social e Ambiental (RGSA). São Paulo, v.7, n.1, p. 70-86, 2013.

SILVA JUNIOR, Roberto Donato da. **Etnoconservação e o conceito de relações de poder**: apontamentos teórico-metodológicos. In. Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais. São Paulo, n. 12, p. 89-105, 2009. Disponível em <

<https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/5260>>. Acesso em: 24 de maio de 2023.

TOLEDO, Victor. **Povos/Comunidades Tradicionais e a Biodiversidade**. In: LEVIN, S. et al (eds). Encyclopedia of Biodiversity. Academic Press (2001). Disponível em: <<https://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/VITOR%20TOLEDO%20povos%20e%20comuniades%20PRONTO%20%281%29.pdf>>. Acesso em: 01 de Jul.2023.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista

I – Dados do entrevistado:

Nome Completo:

Contato:

Data de nascimento:

Endereço:

II – Entrevista:

- 1- Como foi seu primeiro contato com o rio São Francisco?
- 2- Por que decidiu trabalhar nas vazantes?
- 3- Como você aprendeu a trabalhar nas vazantes?
- 4- Qual é a melhor época para trabalhar?
- 5- Qual a importância dessa prática para você?
- 6- Além das vazantes, você tem outro trabalho?
- 7- Se sim, quais? Por que? Qual você considera a atividade principal?
- 8- Como você se localiza no rio São Francisco? Possui pontos de referência?
- 9- Qual o cultivo você mais produz nas vazantes? Por que?
- 10- O que é preservar a natureza para você?
- 11- Como funciona todo o processo de cultivo, desde o plantio até a colheita?
 - 11.1 – Quais ferramentas você usa?
 - 11.2 – Como é o preparo do solo?
 - 11.3 – Como é a escolha do que plantar?
 - 11.4 – Como elas são plantadas? Tem um jeito melhor ou pior?
 - 11.5 – Tem alguma coisa a ser feita para facilitar o crescimento?
 - 11.6 – Existem pragas que atacam as plantas? Se sim, como combatê-las
 - 11.7 – Em caso de uso de veneno para combater pragas ou limpar o mato, e queimadas, como usar essas técnicas?
 - 11.8 – Como é a colheita? Tem algum jeito melhor ou pior de colher?
- 12- Já trabalhou na vazante em conjunto com outro vazanteiro? Se sim, como foi?
- 13- Como é a divisão das vazantes?
- 14- Qual a maior dificuldade que você já enfrentou trabalhando nas vazantes?
- 15- Já participou de algum programa de apoio aos vazanteiros?

- 16- O que você acha da exploração da natureza de forma descontrolada? Já presenciou algo no rio São Francisco?
- 17- Vocês vazanteiros já receberam alguma ajuda financeira do governo?
- 18- Enquanto vazanteiro, você se preocupa com a preservação do rio São Francisco?
- 19- Você usa alguma técnica para que o rio não seja prejudicado?
- 20- Se com, como você aprendeu elas?
- 21- Para você, o que deve ser feito para que o rio São Francisco seja prejudicado?
- 22- Como os vazanteiros trabalham dentro do rio São Francisco, você acha que eles têm uma responsabilidade maior em impedir que o rio e a natureza sejam prejudicados?
- 23- Como você acha que nós da comunidade de Nova Aparecida estamos tratando o rio São Francisco?
- 24- Você possui lembranças de como era rio antigamente?
- 25- Você observa alguma mudança que aconteceu no rio ao longo do tempo?
- 26- Como você acha que vai estar o rio São Francisco e a natureza ao redor, daqui a alguns anos?
- 27- Você acha que os jovens tem interesse no rio São Francisco? E na prática vazanteira?
- 28- Como você enxerga a participação das mulheres na prática vazanteira? Há distinção de funções?
- 29- Qual a importância do rio São Francisco para você?

APÊNDICE B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Senhor(a),

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “**A relação entre a prática vazanteira no rio São Francisco (comunidade de Nova Aparecida – Icarai de Minas – MG) e a preservação da natureza**”, que corresponde ao trabalho final de Henrique Antônio Soares de Queiroz, no curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

A participação consiste em responder às perguntas apresentadas pelo pesquisador, todas relacionadas à sua relação com as práticas vazanteiras e com a preservação da natureza do rio São Francisco.

Você poderá fazer as perguntas que julgar necessárias para o esclarecimento de dúvidas, podendo se retirar da pesquisa a qualquer momento, se assim o desejar.

Possíveis riscos e desconfortos: Apesar de considerarmos que as situações de realização das entrevistas não oferecem riscos maiores que os existentes no cotidiano, você pode experimentar cansaço, desconforto, modificação nas emoções, estresse emocional ou incômodo durante o encontro. Caso isso ocorra, vamos agir para que seja passageiro: podemos mudar a forma do relato, convidar uma pessoa que você e ele(a) confie para acompanhar ou parar a qualquer momento. Caso ele/ela se sinta desconfortável por qualquer motivo e queira continuar em outro momento, marcaremos uma outra data para continuarmos nossa conversa.

Benefícios: Os benefícios deste estudo se relacionam com a possibilidade de entender e registrar como a preservação da natureza é compreendida e vivida pelos vazanteiros da comunidade de Nova Aparecida enquanto parte constitutiva de suas práticas e identidades.

Custos/Reembolso: Você não terá qualquer tipo de despesa para participar da pesquisa e também não receberá pagamento para participar.

Identidade e anonimato: Os participantes poderão decidir se suas identidades serão divulgadas ou mantidas anônimas, bem como quais informações fornecidas poderão ser tratadas de forma pública, o que será definido de maneira processual e em diálogo constante com os participantes, visando seu maior benefício.

Para qualquer esclarecimento ou dúvidas sobre o trabalho, basta entrar em contato com a Pesquisador responsável: Henrique Antônio Soares de Queiroz - Telefone: _____ e-mail: _____.

Rubrica do responsável _____ Rubrica do pesquisador _____

Declaração de Consentimento

Eu, _____, RG nº _____, responsável legal por _____, nascido(a) em ____/____/____, declaro que li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro também que toda a linguagem utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando também que recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Declaro, portanto, ter sido informado(a) e concordo com a participação, gravação e uso de imagens como participante no projeto de pesquisa **“A relação entre a prática vazanteira no rio São Francisco (comunidade de Nova Aparecida – Icaraí de Minas – MG) e a preservação da natureza”**

Cidade, _____ de _____ de 20____.

Nome e assinatura

Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento